

12.12.12

12.12.12

12.12.12

Lara Jacinto
José Carlos Carvalho
Nuno Veiga
Adriano Miranda
Vasco Célio
José Manuel Ribeiro
Adriana Moraes
Ricardo Meireles
Nuno Fox
José António Rodrigues
Duarte Sá
Rodrigo Cabrita

© 2012, Autores e Quidnovi
Reservados todos os direitos para esta edição
Revisão: Mariana Guimarães

Capa, design e paginação: Paulo Barata e Rita Múrias

Impressão e acabamento: Rainho & Neves

1.ª edição: Novembro 2012

ISBN: 978-989-554-947-4

Depósito legal: 349626/12

**Os textos estão escritos de acordo
com a antiga grafia por vontade
expressa dos autores.**

Quidnovi
Praceta D. Nuno Álvares Pereira, 20 3º CJ.
4450-218 Matosinhos
Tel.: +351 229 388 155
Fax: +351 229 388 155



INTRODUÇÃO
ANTÓNIO BARRETO

LARA JACINTO 10
JOSÉ CARLOS CARVALHO 24
NUNO VEIGA 38
ADRIANO MIRANDA 52
VASCO CÉLIO 66
JOSÉ MANUEL RIBEIRO 80
ADRIANA MORAIS 94
RICARDO MEIRELES 108
NUNO FOX 122
JOSÉ ANTÓNIO RODRIGUES 136
DUARTE SÁ 150
RODRIGO CABRITA 164



12.12.12
RETRATOS DA CRISE
ANTÔNIO BARRETO

Doze fotógrafos, neste terrível ano de 2012, decidiram documentar a crise. Ou antes, os tempos que vivemos. Fizeram-no com especial cuidado, sem demagogia nem excessos. Mas fizeram-no com uma ideia: não se tratava de fazer um resumo da actualidade, nem tão pouco olhar e fotografar o muito que um país, uma sociedade e o seu povo podem revelar. Não. Esta ambição de tudo documentar, tudo contar, de resumir e condensar um país ou um tempo, que tanto tem atraído outros fotógrafos ou grupos desde há mais de um século, não foi o que moveu os nossos doze. Eles pretendiam mostrar alguns aspectos da crise que vivemos: da austeridade ao desemprego, da insolvência à solidão, do abandono à marginalização. Legaram-nos doze portefólios com evidentes ligações temáticas e estilísticas, apesar de terem seguido caminhos diferentes. Da justaposição à sequência e do mosaico à narrativa construída, temos doze experiências muito interessantes e emocionantes. Uns adoptaram o tema, outros o sítio, outros ainda a pessoa. Todos, no entanto, se preocuparam com a condição e a circunstância, sendo que esta, pelo fardo social e pela dificuldade, se impõe. São retratos da crise feitos com delicadeza, nalguns casos mesmo com aparente timidez ou com a tensão da precaução. São retratos que mantêm a especulação à distância e procuram, a maior parte, a pose serena que traduza o drama (da doença, do desemprego, do abandono...) com toda a simplicidade, sem qualquer esgar ou gesto forçado. Para além da beleza estética de muitas destas imagens, é esta placidez dramática que mais me toca.

As imagens aqui reproduzidas integram algumas das mais nobres disciplinas da fotografia. A reportagem, a fotografia documental, o documentário ou o fotojornalismo. Nenhuma destas classificações seria recusada pelos autores, creio. Foram estas disciplinas que, em grande parte, deram as cartas de nobreza à fotografia, ou à arte fotográfica, durante o século XX. Nascida a meio do século anterior, a fotografia vivia limitada em terrenos bem firmes. A arte pictórica, o retrato pessoal e familiar, o documento de viagem, a arqueologia, a topografia, o arquivo de polícia, o estudo médico e outras variedades menos interessantes. Algumas expedições, umas tantas aventuras e as guerras do século XIX convocaram a fotografia. Esta fez o que pôde, mas não se saiu bem. Só no século XX, as revoluções no equipamento e na técnica (os pequenos formatos, as máquinas portáteis e leves, a película em rolo de celulóide, a velocidade da revelação e da impressão, etc.) criaram novos mundos e possibilidades inesperadas para a fotografia. Ao mesmo tempo, a pressão da imprensa, a procura de imagens para distribuir em massa e a vontade de imprimir fotografias em jornais e revistas fizeram com que nascessem não só novos meios e novos estilos, mas sobretudo novas estéticas e novas noções da função e da natureza da fotografia.

O real e o realismo, a condição humana e social, as diferenças de humanidade e de sociedades, as vidas das classes sociais, a situação de muitos seres humanos que nem sequer eram vistos pelos outros (pobres, camponeses, doentes, operários, mineiros, etc.) começaram a interessar não só a quem fazia fotografia, como também a quem editava informação e a quem esta última se destinava: os leitores das cidades. A fotografia surge como instrumento versátil de expressão e com enormes potencialidades. Há fotógrafos que querem documentar e mostrar o que as pessoas não vêem. Há os que querem exibir a vida difícil de quem sofre ou de quem trabalha. Há os que se interessam sobretudo pelos que conhecem a miséria, a pobreza e a doença. Há ainda os que procuram exemplos dos que lutam. Em poucas palavras, a fotografia aparece como meio de documentação, de denúncia e de convicção. Jacob Riis, ainda nos finais do século XIX, e Lewis Hine, logo a seguir, são os primeiros grandes nomes desta nova fotografia. Eugene W. Smith encontrará um estilo narrativo através de sequências e de histórias temáticas ímpares durante muitas décadas. Nos anos 1930, nascerá o mais famoso empreendimento fotográfico de carácter social e documental: as imagens da Farm Security Administration (com especial relevo para Dorothea Lange, Walker Evans, Bem Shahn e Arthur Rothstein). É, ao mesmo tempo, a juventude e a idade adulta da fotografia empenhada, quase programática. Os fotógrafos querem mostrar ao mundo os que sofrem, querem denunciar as situações que os fazem sofrer e querem mesmo contribuir para que algo mude. A condição social, os ofícios, o trabalho, o esforço humano para ganhar a vida e a luta contra as condições desfavoráveis são os novos grandes temas da fotografia e que não mais cessarão de vir à cabeça nas preferências de muitos profissionais, dos jornais e da imprensa e dos leitores e cidadãos em geral.

Voltemos a Portugal e aos nossos 12 fotógrafos. Inscrevem-se perfeitamente na linha acima descrita rápida e superficialmente. Eles querem testemunhar, documentar, informar e, creio eu, denunciar. Em conjunto, este trabalho revela aspectos muito interessantes. Estão patentes crises novas e antigas. Edifícios e profissões em vias de extinção, lado a lado, com projectos de futuro que não chegaram a nascer. O desemprego e a doença que se acrescentam frequentemente à pobreza. O desemprego de alguém com 45 anos que sabe que, naquela idade, talvez nunca mais venha a ter um emprego. Temos aqui campos abandonados e terras incultas, num fenómeno que não resulta já da crise em curso e das dificuldades actuais, mas de processos mais longos de evolução da sociedade. Temos também os subúrbios das grandes cidades sem forma nem jeito. Ou os centros de cidades antigas sem população nem negócios, sem comércio nem transeuntes. Mais longe, chegamos aos “Resorts” e aldeamentos turísticos que nunca foram ou não chegaram a ser, mas que deixaram marcas e paredes inúteis. Temos ainda as fábricas e os estaleiros que já tiveram melhores dias e que nunca mais acordarão ao som da sirene. E no meio disto tudo, homens e mulheres com expedientes, trabalhos efémeros, ocupações improvisadas e recursos inventados... E sobretudo a impressão de que estamos a viver num país em que cresce a área de abandono. Ruas, aldeias, restos de cidades, fábricas, armazéns, estaleiros, estradas, caminhos-de-ferro, escolas e casas de habitação, sem falar em campos e terras de cultivo, exibem cada vez mais esta imagem de abandono, em que nada nunca acaba, mas em que tudo se arrasta. Estes retratos da crise ficarão connosco como testemunho decente e honesto, mas também como expressão estética de especial valor. Sabemos que a pobreza e o sofrimento, tal como a guerra e a doença, são fotogénicos. É uma armadilha perversa que os fotógrafos podem, muitas vezes involuntariamente, preparar para quem vê o seu trabalho. Por isso, é muito fácil cair na demagogia e na emoção fácil. Não foi o que estes doze fotógrafos fizeram. Como já disse, distinguem-se pela delicadeza e pelo cuidado, até por um pouco de ironia doce, que utilizaram e de que deram provas. Contada assim, quase com doçura, esta crise não é por isso mais suportável.

LARA JACINTO

GRAÇA MORAIS

Lara Jacinto faz parte de um grupo de jovens fotógrafos que através de imagens nos mostram o país numa visão social, de famílias carenciadas e de paisagens desertificadas. Vejo nestas fotografias imagens de enorme sensibilidade e beleza que contrastam com a solidão, a desolação e o vazio sem esperança. São imagens que reflectem a história de pessoas e lugares agora tão abandonados. A destruição da linha do Tua, as ruínas do empreendimento do Cachão, as montanhas queimadas pelos fogos todos os verões, empobrecem e dão-nos a certeza de estarmos perante uma tragédia que nos toca a todos. Uma população desesperada abandona o meio rural e refugia-se na cidade onde vive cada vez mais pobre e desenraizada.

A fotografia de um velho homem é de uma grande verdade e profundamente emocionante. As imagens de jovens mulheres que todos os dias repetem gestos de sobrevivência são muito intensas. Transmitem uma grande inquietação e enorme beleza. As fotografias de Lara Jacinto testemunham uma realidade e um tempo incerto e conturbado.

Ao olhar com atenção para as fotografias de Lara Jacinto, tão carregadas de silêncios denunciadores, questiono-me sobre o meu papel de Mulher e Artista. Através delas vou ao encontro da minha memória, da minha ligação a uma região onde nasci e à qual regresso sempre.

Acredito que a Arte traz consigo a esperança, o acto de criação pode salvar este mundo tão esquecido e tão humilhado. Acredito também que a criatividade e a solidariedade possam lutar contra a pobreza e ignorância. Estou certa que a valorização do património humano e o retorno à terra podem possibilitar uma vida com mais abundância, com mais felicidade.



CACHÃO - MIRANDELA

No Cachão há silêncio e monotonia. O complexo agro-industrial, criado na década de 60, chegou a empregar largas centenas de pessoas. Desde 1974 que o projecto tem vindo a ser abandonado, acabando por encerrar em 1992. Das fábricas que resistiram, hoje poucas sobrevivem. Do complexo, que foi outrora o grande motor da economia em Trás-os-Montes, sobram as imponentes construções e uma localidade quase fantasma.



CACHÃO - MIRANDELA

Dentro dos pavilhões que compõem o complexo industrial é frequente encontrar vestígios de matérias-primas.



CACHÃO - MIRANDELA

Os jovens do Cachão não têm emprego, nem perspectivas de vir a conseguir trabalho. Muitos tentam a sorte em países como França ou Suíça. Trabalham sobretudo na agricultura, conseguindo alguns meses de salário, o que lhes permite sobreviver o resto do ano.

Bruna abandonou a escola aos 16 anos, o que a impediu de concretizar o seu sonho de ser polícia. Hoje, aos 26 anos, resta-lhe partir para mais uma temporada de trabalho na Suíça.

**BRAGANÇA**

Sandra é mãe de quatro filhas. O agregado familiar de seis pessoas obriga a que ela e o marido travem uma luta diária pela subsistência, num contexto adverso, ainda agravado pela fragilidade da saúde da filha mais nova. Em situação de desemprego prolongado, a maior preocupação é conseguir trabalho.



MEIXEIRO – BRAGANÇA



AZIBO – MACEDO DE CAVALEIROS

COVA DE LUA – BRAGANÇA

Nélson, de 94 anos, viu oito dos seus nove filhos partirem à procura de melhores oportunidades. Em Trás-os-Montes o índice de envelhecimento da população é muito elevado, num território cada vez mais abandonado, onde a taxa de natalidade é baixíssima.

**BRAGANÇA**

Juliana, de 23 anos, desempregada, grávida de sete meses, vive com o marido, também desempregado, e dois filhos, numa casa emprestada, em Bragança. A falta de dinheiro para a alimentação é a sua maior preocupação.





VALE DO ROSSIM – GUARDA

Ana Silva, de 20 anos, vive conformada com a vida que tem. Mora sozinha numa casa emprestada, trabalha no que vai aparecendo.

O dinheiro que ganha chega apenas para satisfazer as necessidades básicas. Com o orçamento cada vez mais apertado, viajar para fora da região é um sonho que perdeu a esperança de realizar.

BRAGANÇA

Tiago é um agricultor de 21 anos que, ao contrário da larga maioria dos jovens da sua idade, não sonha abandonar a região. Nunca foi ao cinema, nunca assistiu a um concerto, afirma não sentir falta disso.

A sua enorme ligação à terra permite-lhe ser feliz num lugar que sente como seu.



JOSÉ CARLOS CARVALHO

A DIGNIDADE HUMANA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO CARVALHO DA SILVA

A lente capta a imagem, a máquina fotográfica regista-a, mas a manejar a máquina está um ser humano que tem valores, cultura, observações e reflexões feitos em aprendizagens de vida vivida. Cada fotografia, sendo um retrato, ganha vida perante os nossos olhos e a nossa mente. O presente é sempre, e apenas, uma passagem instantânea, logo cada fotografia desafia-nos a observar o passado e o futuro. Esse exercício é facilitado e orientado por aquilo que o fotógrafo introduz na fotografia.

A ideia desta equipa de fotógrafos fazer o retrato social, político e económico deste ano, confirmado como “ano do dilema”, é de grande oportunidade se entendermos o tempo que estamos a viver como de conjuntura muito difícil, da qual não é possível sair com uma “receita” feita de inevitabilidades, de certezas e verdades absolutas, mas sim com a procura de convergência em possíveis caminhos de futuro – sempre existentes – a partir de propostas formuladas para a resolução dos problemas concretos, com que os cidadãos, o funcionamento e organização da sociedade se debatem.

José Carlos Carvalho apresenta-nos um rico conjunto de fotografias feitas no Alentejo e na região de Lisboa.

Nelas observamos um passado sombrio que perdura em túneis escuros, porque despidos de esperança, dessa esperança que se deve alimentar da razão e da ação humana solidária e comprometida.

São visíveis oportunidades perdidas e promessas não cumpridas que dificultam o presente e tolhem o futuro. Vemos que o austeritarismo paralisa! Como o tempo não pára, o efeito do círculo vicioso austeridade-recessão-austeridade é, inexoravelmente, retrocesso social e civilizacional.

A morte de atividades económicas sem alternativas úteis e a ausência de propostas de desenvolvimento que se projetem em coesão social e territorial, e em progresso humano, obrigam-nos a retroceder. Nesse movimento surgem-nos ainda com coerência e préstimo as atividades que se sustentam na tradição. Tudo o resto, que é o fundamental, são interrogações e incertezas que nos desafiam a interpretações teóricas e práticas quanto aos conceitos de mudança e de conservação, bem como ao “estilo de vida” a seguir.

A caminhada deve ser feita, cá dentro, e para o povo que somos, desbravando e forçando saídas. O destino não pode ser o dos postos fronteiriços já colocados à venda.

Este projecto faz sobre Lisboa um interessante “estudo de caso” através da fotografia. No grande centro urbano habita muita injustiça e pobreza. Mas os mais desprotegidos têm, muitas vezes, excepcionais expressões de dignidade humana. Com pequenos gestos ensinam-nos muito mais do que os atos eloquentes dos ricos e poderosos.

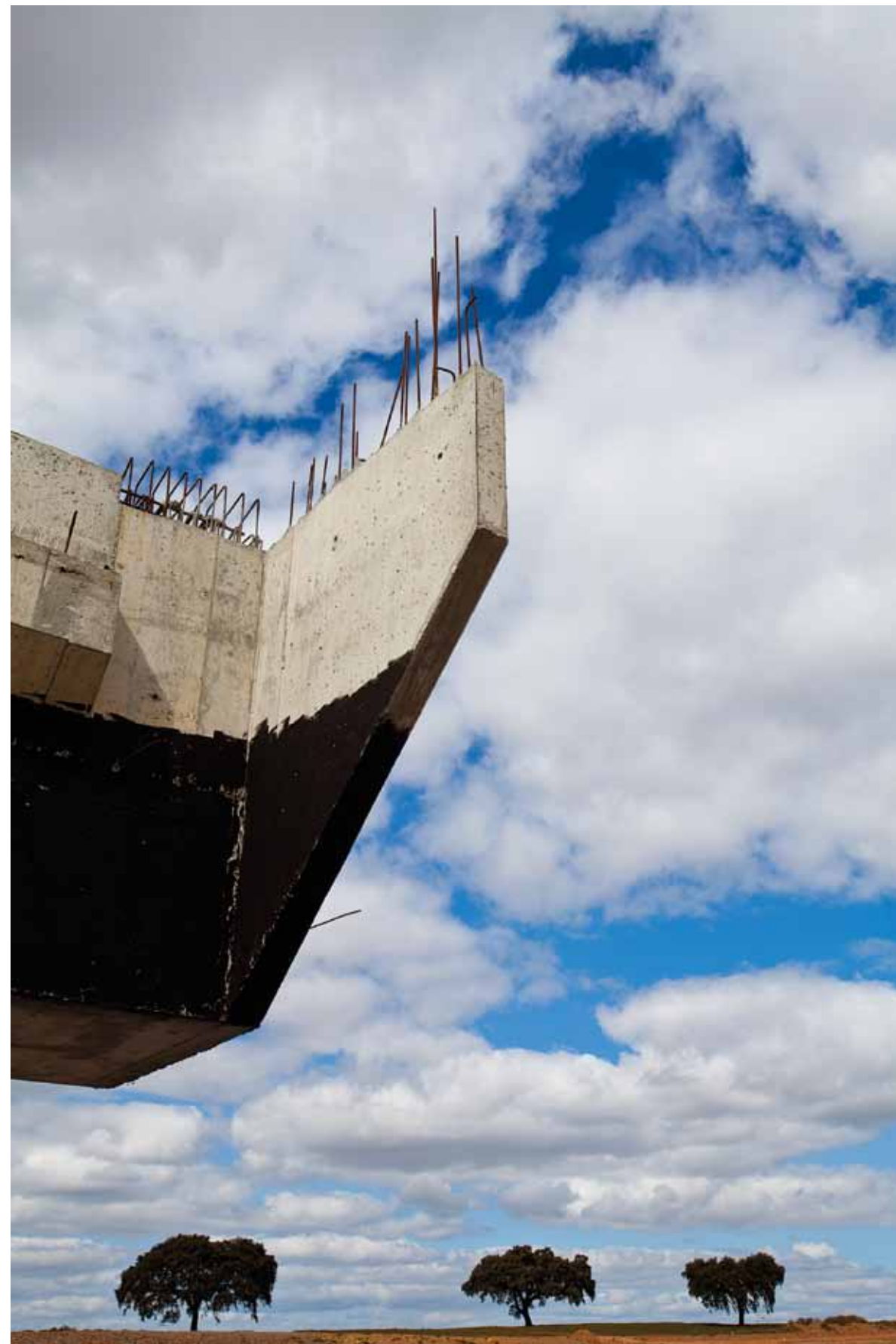
As fotografias não se ficam pela exploração da lágrima no canto do olho. Elas mostram-nos horizontes. Neste “ano do dilema” desafiam-nos a apostar na afirmação do Estado Social, na valorização do trabalho e da igualdade, em projetos de desenvolvimento que tomem as capacidades dos seres humanos que somos em todo o nosso espaço territorial e nos mais diversos setores de atividade.

BEJA

Um traçado do IP2 por concluir, que já existe nos mapas, uma casa de esquina, que definha à espera de um comprador, um túnel que esconde saudades de outros regimes, um camionista com 30 anos de profissão e 4 800 000 km de asfalto, uma feira que dá de comer e de vestir a quem passa na rua, um carro trasvestido de retalhos que resiste ao calor e ao frio, um cemitério de vidas interrompidas na estrada e um postal, estagnado, do estagnado Alqueva.

Estas são as imagens que a minha retina deteve e a lente fixou, depois de percorrer 3947 km de estradas, no distrito de Beja, neste ano de 2012. Este é o maior distrito de Portugal, com 10 225 km² e 14 concelhos, sendo que as vias de comunicação são importantíssimas para os seus habitantes. Do meu plano inicial, que incluía a travessia de 120 km de norte a sul do município através do IP2 e N2, o acaso e a curiosidade fizeram-me perder por estradas nacionais que ramificam neste distrito e levaram-me até bem perto de Espanha, através da N260.

A estrada representa, pois, o fio condutor da história que pretendo contar. As fotos que a compõem não têm o objetivo de mostrar um distrito em crise em 2012, mas sim uma região que o tempo cristalizou. Hoje, está como ontem e, provavelmente, como na próxima década, se nada mudar, mas o testemunho que aqui deixo é simplesmente o presente e a realidade que encontrei.







LISANDRO

CUIDAR PARA MORRER

Quando, no dia 29 de novembro de 2011, fui à Quinta da Princesa, Seixal, para fazer uma reportagem sobre uma família que aceitou ser fotografada a receber um cabaz de Natal, achei estranho: normalmente, ninguém aceita expor esta fragilidade ao olho curioso de uma máquina.

No decorrer da conversa com Alina Cardoso, rapidamente percebi porque é que aparecer numa revista com os três filhos a receber um cabaz com alimentos e roupa em segunda mão não representava um problema. Porque, na realidade, algo mais grave do que as necessidades de alimento e roupa acontecia no seio desta família: um filho com Trissomia 13.



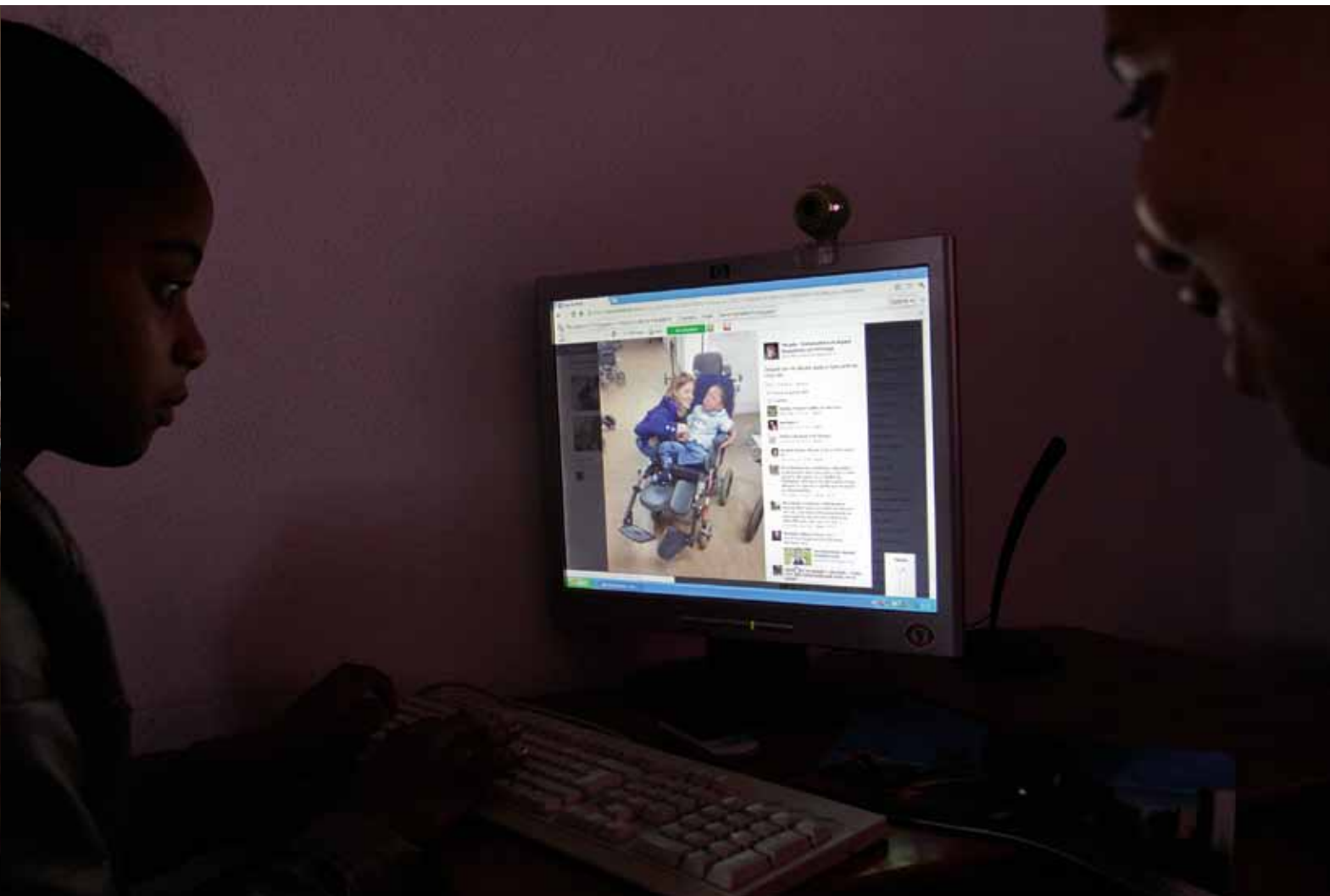
Não sabia da existência desta doença, que a Alina, com desenvoltura e simplicidade, definiu como «uma Trissomia 21 só que também com convulsões». A estranheza e a falta de palavras acentuaram-se quando ouvi que se tratava do «único caso em Portugal».

Alina falava de Lisandro com um sorriso constante, mesmo sabendo que, mais tarde ou mais cedo, uma das convulsões faria o coração de Lisandro parar de bater. Quando nasceu disseram-lhe que ele não ia durar muito, talvez 15 dias. Um mês passou, mas dos seis meses não passava, garantiram-lhe. Entre muitas convulsões, que a Alina ia resolvendo em casa sempre que possível, Lisandro celebrou o primeiro ano de vida.

Muitos meses se seguiram e habituou-se a ouvir o mesmo de sempre do médico: o «caso Lisandro» não tem explicação, pois normalmente estas crianças morrem quase todas nos primeiros seis meses. A bater nos dois anos, Lisandro tornara-se um fenómeno, que insistia em contrariar todas as estatísticas.



Por seu turno, a vida de Alina tornara-se uma prisão: o filho não podia ir para uma creche porque ela estava constantemente a ser chamada para levá-lo ao hospital com mais uma convulsão. Ficar com ele em casa foi a solução possível, mas com as piores consequências para a restante família: sem trabalho e sem rendimento para garantir sustento para as duas filhas, Alina viu-se obrigada a pedir ajuda à Segurança Social. Só conseguiu obtê-la aos três anos e três meses de vida de Lisandro, sob a forma de Rendimento Mínimo de Reinserção (320€, dos quais 200€ iam para a renda da casa).



Entretanto, Lisandro estava cada vez maior e já não cabia no carrinho de bebé que a creche emprestou. Foi nesta altura que conheci Lisandro e Alina, num dia de frio e sol, na Escola da Quinta da Princesa, onde os dois se destacaram para serem entrevistados e fotografados para a revista Visão e receber um cabaz oferecido pela associação Nova Esperança. Neste dia, percebi que a verdadeira história não era o cabaz que iam receber, mas sim um menino que tinha uma doença com um nome arrepiante e uma mãe com um sorriso constante, mesmo sabendo que estava a «cuidar para morrer». Falei com Alina e disse-lhe que queria fotografar o «caso Lisandro» a partir de 2012. Quis sempre ser o mais verdadeiro possível com esta mulher e, logo no início, disse-lhe que este trabalho não tinha fim à vista, tal como acontecia com Lisandro.



A primeira vez que fui a casa de Alina era janeiro e estava muito frio. Sentado numa cadeira de bebé encontrada no lixo, Lisandro estava tapado com uma manta e perto de um aquecedor ligado que lhe garantia o conforto mínimo. Ali estava o rapaz que todos diziam que não iria passar dos seis meses, mas que já estava a caminho do quarto ano de vida. Completamente dependente, Lisandro não falava, não andava, não comia por ele, só sopa passada, leite e iogurtes, usava fralda, etc.

Rapidamente, percebi que parte da explicação para a sobrevivência do filho estava no carinho, na ternura e no cuidado da mãe. E no creme de banho para a pele não assar, nas refeições todas passadas em forma de sopa, nos tratamentos com eucalipto fervido numa panela – o aerossol – para que a expectoração pudesse sair mesmo que para isso tivesse que pôr o dedo indicador na boca de Lisandro para o ajudar nessa tarefa.



E na forma determinada como Alina apaziguava as cada vez mais constantes convulsões que, a partir da quarta ou quinta seguida, a obrigava a chamar os bombeiros para levar o filho ao hospital. Entretanto, Alina tentou durante mais de dois anos arranjar uma cadeira de rodas para Lisandro. Só no dia 18 de maio é que o seu desejo foi concretizado através da cantora Micaela, que conseguiu uma cadeira vinda da Suécia sem querer outra compensação a não ser uma fotografia, a registar o momento, para pôr no Facebook, ainda hoje o único registo de Lisandro em Portugal.

Nos primeiros cinco meses de 2012, fui inúmeras vezes a casa de Alina que confirmavam cada vez mais a minha teoria sobre a sobrevivência de Lisandro: as brincadeiras das irmãs eram importantes mas o segredo estava na mãe. Ela é que prolongou a vida desta criança.



Entretanto, o quarto aniversário de Lisandro estava à porta e a família preparou uma festa: dia 7 de junho, feriado municipal. Resolvi surpreender, não o filho mas a mãe, com um retrato da família para pôr na parede da sala. Quatro dias antes da festa, no aeroporto de Madrid, em trânsito da Noruega, recebo a mensagem que me fez gelar mais do que os fiordes de onde tinha partido: «O Lisandro faleceu esta madrugada.» Nos últimos seis meses, ouvi tantas vezes aquela conversa – «só dura 15 dias no máximo um mês, dos seis meses não passa, não chega a um ano, dois anos era um milagre, dos três anos é que não passa, não há registo que algum tenha passado» –, que não devia receber esta notícia com surpresa. Mas, na realidade, não estava à espera deste desfecho. O meu trabalho estava a chegar ao fim, mas quis mostrar aquilo que era o mais triste e perturbador: o fim da vida de Lisandro. Fui ao funeral, fotografei e chorei.



Não quis acabar sem passar uma mensagem de esperança à Alina, a mãe que mudou o rumo da história de Lisandro e da minha história. Uma semana depois da morte de Lisandro, regressei a sua casa com a fotografia com que contava surpreender a mãe no dia de aniversário do filho. Deixei-a no carro, por achar que o seu papel se alterara: agora, era o registo de uma realidade que já não existia. Sem saber do meu dilema e embaraço, Alina perguntou-me se eu não tinha uma foto da família que lhe pudesse oferecer. Foi a primeira vez que fiquei feliz ao ver as lágrimas de Alina.

NUNO VEIGA

A CRISE DO PODER DE COMPRA NÃO É A CRISE DO PODER DAS COMPRAS PAULO BARRIGA

Uma porta fechada. Mais uma. Apenas. As persianas corridas. Como tantas outras. E na parede, como se fora obra do destino, uma mensagem. Um simples desenho. Infantil. Inacabado, na aparência. Um rosto em quatro esguichos de tinta. A boca convexamente triste. E dos olhos, por desleixo ou por expressa revolta do artista, duas gotas de tinta lacrimejam pelo branco da parede abaixo. Nenhuma outra imagem simboliza de forma tão perfeita, tão brutalmente perfeita, a Rua do Comércio, em Portalegre. Todas as ruas do comércio, afinal.

Que ironia tão vil, esta. Na era da cegueira e da exacerbação do capitalismo, as tradicionais ruas de lojas e de mercadores definham às mãos do próprio capital. Comerciar, esse ato primordial da comunicação humana, da condição humana, da sociabilização do Homem, transformou-se num diálogo de uma fala apenas. Vender é hoje um ofício sem identidade. Cada vez mais reservado a uma elite. Poderosa. Conservadora. Que a todos ensina as artes do comprar. E que restringe com veemente avidez a desdita do vender.

Como se um e outro elemento desta relação não fossem, enfim, as duas faces de uma mesma moeda. As cidades de pequena e média dimensão, como Portalegre, são hoje entes moribundos. Porque viram os seus corações sucumbir. Sem que os socorressem quando começaram a ser acometidos pelos bairros de periferia e pelas grandes superfícies comerciais. Os centros históricos estão desertos e degradados. E as principais artérias que os revigoravam, que lhes davam oxigénio e alento, as ruas de comércio, secaram. Fantasmagoricamente.

Tal como observa com rara atenção a lente de Nuno Veiga. O passeio que ela nos oferece pela Rua do Comércio de Portalegre é algo de sinistro. De tenebroso. Há melancolia e mágoa nesta revisitação. É um olhar lúgubre, este, sobre o comércio de vizinhança. Ou é apenas o olhar possível sobre um ofício improvável nos tempos que correm. Apenas a extensão do desalento dos seus retratados. Apenas a extensão da indiferença das pessoas que agora passam rua abaixo sem se deterem por um instante. Sequer.

É a crise. Talvez sim. A crise. Mas esta crise que aqui se esconde por detrás das lâminas de lata de uma persiana não é a crise do poder de compra. É a crise do poder das compras. As pessoas têm menos dinheiro, é um facto. Mas estão mais compradoras. E disponíveis para comprar. É rondar qualquer supermercado ou centro comercial para o constatar. O drama que está para lá destas imagens não reside apenas no esvaziamento das algibeiras das pessoas. Reside nas próprias pessoas. Na forma como organizam as suas existências. Na forma como interagem em sociedade.

Já se disse que a arte de comerciar degenera da comunicação em estado puro. Do discurso direto. Do confronto cara a cara. Da troca de informação. Da interdependência. Da vida em comunidade. Ou seja, de tudo aquilo que as pessoas rejeitam. Hoje em dia as amizades, as relações, as partilhas apenas se alcançam no ciberespaço. O contato direto é coisa quase impura e limitada ao extremo. E não existe nada mais intenso, mais carregado de significado, mais chegado, mais integrador que o ato da venda e da compra. Da partilha. Da troca. E por isso mesmo, em Portalegre e por aí, as lojas de proximidade fecham, as ruas ficam desertas e os desenhos que se fazem nas paredes são tristes como as pessoas de hoje costumam ser.

**VAZIO**

Lojas e montras vazias são cada vez mais na Rua do Comércio, em Portalegre. Os estabelecimentos vão fechando à medida que perdem a lutar contra a falta do poder de compra generalizada. "É uma rua fantasma, mas já foi a mais movimentada e próspera da cidade", opina um comerciante.



FECHADA

A loja de conveniência de João Silva estava em atividade há meia década. Fechou a meio do ano após muito dinheiro de prejuízo, mês após mês. "Passaram-se dias em que não vendi sequer um pão", conclui.



PASSAGEM

Para muitos a rua é apenas a forma de chegar aos seus destinos. Muitos nem olham para as montras, até porque a quantidade de edifícios ao abandono e espaços comerciais fechados abundam. "Com este aspeto degradado, os visitantes não voltam cá!", atira um transeunte revoltado.



À ESPERA

A pequena sapataria de José Carrilho está nas suas mãos há 15 anos. Foi remodelada recentemente e José continua à espera que os clientes entrem. "Não há dinheiro", remata.





VENDE-SE OU TRESPASSA-SE

São palavras escritas em muitas montras, incluindo na drogaria de João Saldanha. A Casa Saldanha chegou a ocupar quatro números na rua, nos últimos anos veio minguando e apenas resta um, o primeiro. Após 65 anos no negócio: "Trespasso pelo valor da mercadoria. Digo isto meio a fingir mas para ver se dá certo...", conta o proprietário.





STOP

A loja de lãs Stop hoje em dia faz jus ao nome. Com 35 anos de portas abertas, o negócio está parado. O proprietário, Lomelino Parola, queixa-se de em certos dias não entrar nem um cliente: "Assim não dá... Ou isto muda depressa ou fecho a porta".



ANTIGUIDADE

Inaugurada há 62 anos, a Quezada e Cardoso, Lda., foi em tempos a grande loja de electrodomésticos da cidade. Chegou a ter 28 funcionários, hoje são sete. José Cardoso é filho do primeiro proprietário do comércio onde trabalha desde pequeno. Quanto se fala do futuro apenas encolhe os ombros: "Neste momento, para manter os funcionários, estou a gastar na loja o dinheiro que em tempos ganhei...", desabafa.



ANTES E DEPOIS

Se em tempos a Pérola Comercial (foto superior) foi a loja de tecidos e vestidos de noiva mais conhecida de toda a região e está ao abandono, o ramo dos tecidos foi continuado agora mais abaixo por Célia Almeida e Susana Semedo, as mais jovens empreendedoras da rua. Há um ano abriram a Retalhos Pioneiros, uma aventura que consideram arriscada mas que vai sobrevivendo: "Os últimos meses têm sido terríveis, mas temos que acreditar que as coisas vão melhorar. O comércio tem que ser dinamizado nesta cidade que está pior que certas vilas... Temos que unir esforços e inverter esta situação. Se não conseguirmos? Então é mesmo o fim...", desabafam.



FUTURO

Cartaz incentivador colocado pelo proprietário numa loja para alugar. Realmente o presente é este e não pode ser alterado, mas o futuro...

ADRIANO MIRANDA

PRESIDENTES POR UM MINUTO ANA CRISTINA PEREIRA

Adriano Miranda já não estava na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Fotografara o Presidente da República e saíra. Só depois lera as declarações de Cavaco Silva no sítio do Público: “Tudo somado, o que irei receber do Fundo de Pensões do Banco de Portugal e da Caixa Geral de Aposentações quase de certeza que não vai chegar para pagar as minhas despesas.”

“Por amor de Deus!”, repetia Adriano, revoltado. Cavaco Silva conhece o país? Sabe quantos descontaram mais de 30 anos para a Segurança Social e recebem 379,04 euros por mês? Os agricultores têm de contentar-se com 234,48. E os inválidos com 195,40. Aquilo era “um insulto” aos pensionistas e a quem vive com o salário mínimo ou com o rendimento social de inserção.

Tantas vezes a indignação desaparece na voracidade do quotidiano. Aquela ficou a fermentar dentro dele.

Havia três anos, estivera no lugar das Alminhas, periferia de Viana do Castelo, a fotografar a vida nas dunas, em tendas de lona e barracas de ripas de madeira e lâminas de zinco. Aqui e ali, cordas vergadas pelo peso das roupas. De repente, uma poltrona, coberta com uma colcha, virada para uma fogueira apagada. Uma imagem de dignidade num contexto de pobreza extremada.

E se desafiasse pessoas pobres ou empobrecidas a assumirem, por instantes, o papel de Presidente da República? Fotografá-las-ia sentadas, numa cadeira, com a bandeira de Portugal ao lado. “Cavaco Silva não é melhor do que elas. Nasceu numa família diferente, teve oportunidades diferentes.”

Não, não captaria a realidade tal como ela se mostra. Faria uma composição. Jornalismo, ainda assim. Uma crónica, género que não informa, mas reflecte um modo particular de ver. Pediu a um familiar uma cadeira de madeira daquelas que se vêem em tantas salas de jantar reservadas para o domingo. Colocou-lhe uns enfeites de cortinados. Pegou numa base de madeira, enfiou-lhe uma vara de metal, uma bandeira. “Só a base é feita em Portugal – é ela que sustenta as mordomias. O resto é chinês.” Não por acaso: a China acabara de comprar a EDP. Andou com o cenário às costas – Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Viseu, Faro. “Procurava o melhor sítio. Punha a bandeira à direita de quem vê (acho que foi por políticas de direita que chegámos a isto), mas à esquerda de quem está a ser fotografado (acho que é preciso mais políticas de esquerda).”

Foi juntando apuradas metáforas de Portugal. Álvaro Lopes parece preso ao “menino chorrão”, quadro de Giovanni Bragolin que se crê atrair desgraça. Martinho Cerqueira tenta aguentar-se no estaleiro tomado pela incerteza. Albino Fernandes e a mulher, Felicidade, olham em redor e é só terra queimada.

“Eu quero ser Presidente! Por um minuto, eu quero ser Presidente!”, disse-lhe Romana Monteiro. Olhe para ela. Olhe bem para ela. Uma mulher de etnia cigana na Presidência da República? Na beleza terrível daquela imagem cabe todo o caminho que falta percorrer até à igualdade. Que dirá ao observá-la, naquela pose, quem reduz a fotografia da pobreza à exploração do sofrimento, ao voyeurismo?

**PRESIDENTES**

Álvaro Lopes, 52 anos, desempregado. Vive numa casa degradada no Porto. Desenvolveu uma relação demasiado próxima com o álcool. Perdeu o RSI em Junho de 2012. Faltou, de forma reiterada, à convocatória do Instituto de Segurança Social. Está sem qualquer rendimento.



Lúcia Coelho, 42 anos, desempregada. Mora numa ilha, fileira de casas abarracadas na zona Oriental do Porto A entrada no mercado de trabalho é dificultada pela baixíssima escolaridade, pela fraca qualificação profissional e pelo consumo problemático de bebidas alcoólicas. Vive com 189,52 euros de rendimento social de inserção (RSI).



Carlos Tavares, 58 anos, marceneiro. Em 1988, abriu uma marcenaria em Aveiro. O negócio prosperou. Carlos chegou a empregar seis pessoas. Este ano, despediu a última. Ficou sem encomendas. Ponderou encerrar as portas. Diz que 2012 é o mais negro ano da sua vida.

Natália Alves, 58 anos, desempregada. Está desempregada há seis anos. Vive com um filho de 33 anos numa garagem de 15 m2 na Figueira da Foz. Paga 175 euros de renda. Ali faz cozinha, casa de banho, quarto e sala. Para os gastos do mês têm de chegar os 187 euros do RSI e os 230 euros da pensão atribuída ao filho, que é doente psiquiátrico.



Martinho Cerqueira, 60 anos, operário dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo. Começou a trabalhar aos 10 anos. Fotografava "anjinhos", isto é, recém-nascidos que iam a enterrar. Pedia esmola à porta dos estaleiros. Tinha 14 anos quando o empregaram. Vive hoje na incerteza que abala a empresa.



Patrícia Cardoso, 32 anos, assistente operacional educativa em Viseu. É licenciada em História. Chegou a dar aulas no 2.º ciclo e no 3.º. Não é colocada há seis anos. Como assistente operacional educativa, recebe o salário mínimo, metade do que receberia como professora. No início, chorava ao limpar as salas de aula. As colegas conhecem-lhe o desgosto. Pedem-lhe ajuda em História. E ela dá-la. Também dá apoio a uma criança autista.



Romana Monteiro, 26 anos, desempregada. Mora numa casa abarracada, na Quinta do Simão, em Aveiro, com os quatro filhos e com o companheiro, Cristóvão Manuel, 30 anos, também desempregado. A etnia a que pertencem e a fraca escolaridade não são alheias à sua situação laboral. Organizam-se com os 701,24 euros de RSI atribuídos a Romana e às crianças.





Abel Nunes, 42 anos, emigrante angolano. Veio a pé de Coimbra a Aveiro à procura de trabalho. Trabalhou numa salina durante 4 dias a troco de comida. Comia e dormia em cima de uma tábua num palheiro junto aos montes de sal. Sem dinheiro nem casa foi acolhido pela Caritas de Aveiro. Nunca teve um contrato de trabalho.



Ermidio Ribeiro, 77 anos, reformado. Vive com a mulher e com uma filha numa pequena casa da cidade do Porto. Recebe uma pensão de 400 euros. A horta que vai cultivando está a revelar-se preciosa na arte de esticar o orçamento familiar até ao final de cada mês.



Carlos Figueira, 51 anos, mecânico em Aveiro. Apresenta-se como um especialista em veículos motorizados que não necessitam de carta de condução, conhecidos por mata-velhos. Ficou sem trabalho em 2010. Desde então dedica-se à compra e venda de sucata.

José Luís, 42 anos, desempregado. É o que alguns teóricos designam por inempregável. Nunca teve um emprego. Vai fazendo biscates conforme vão aparecendo. Agora, guarda umas ovelhas. Não sabe ler nem escrever. Consome bebidas alcoólicas desde os seis anos. Pernoita numa fábrica abandonada no Porto. Nem sequer recebe RSI.



Rui Costa, 47 anos, desempregado. Trabalhou 27 anos numa empresa de travões, discos e embraiagens em Aveiro. Nunca recebeu os devidos 30 mil euros de indemnização, salários e subsídios em atraso. Está há quatro anos desempregado. Só a mulher traz dinheiro para casa.





Albino Fernandes, 78 anos, reformado. Recebe a pensão agrícola. Perdeu vinhas, azinheiras, alfarrobeiras, medronheiros e sobreiros, alguns com mais de 200 anos, nos incêndios que devoraram a serra do Caldeirão este Verão. Era o rendimento extra que ia permitindo a Albino e à mulher, Felicidade, segurar as contas. Na aldeia de Castelões, resta a sua casa.

VASCO CÉLIO

ESTADO EM ESPERA (DE IDENTIDADE) NUNO FARIA

O trabalho de Vasco Célio para o livro 12.12.12 é um olhar lúcido sobre a crise porque não se fixa tanto nos efeitos como nas causas. É certo que aquilo que vemos são ruínas por vir, mas a leitura que sobre elas portamos não se foca aquém nem tão pouco no objecto, naquilo que é material, mas num futuro que está condenado pela intolerável cegueira dos governantes a quem o povo todos os quatro anos confere um mandato pedindo em troca lealdade e capacidade de julgamento antes da decisão.

É indubitavelmente um trabalho político, poderíamos até dizer cívico. Presentifica-se em surdina, consciente da responsabilidade que, hoje mais do que nunca, cada um de nós tem na construção de um futuro colectivo livre e sustentado no lugar em que queremos viver e que amamos.

Curioso é que o objecto da atenção do autor sejam estruturas que, a vários níveis, não existem. Não existem como funcionalidade, não geram emprego, não abrigam ninguém, estão em espera, qual metáfora certa e desoladora de um país sebastiânico. Não existem também porque ninguém as vê, propriamente. Ou porque estão implantadas em lugares inacessíveis, ao abrigo do olhar alheio - prometem-nos o paraíso tão repetidamente que alguma vez havemos de desconfiar -, ou porque por habituação deixámos de as identificar - são justamente espaços sem identidade.

Aí reside a idiosincrasia da fotografia e, em bom rigor, o que lhe confere validade enquanto instrumento e *medium* crítico: realizar, construir o visível, tornar claro, dar a ver aquilo que um olhar distraído, atabalhado, sem hierarquia ou critério, não detecta.

De que nos servem fotografias miméticas, ilustrações da realidade? De que nos servem imagens-tapume que pensando representar escondem ou, no melhor dos casos, reproduzem?

As imagens que Vasco Célio nos oferece criam visibilidade, abrem um espaço de clareza (auto) crítica. São límpidas e justas, mas não como no primeiro dia de Sophia. Infelizmente (ou talvez não). Não podemos esperar eternamente pela repetição desse dia, porque agora já não é a liberdade mas a nossa identidade que está em jogo. Projectam-nos para uma realidade que é muito semelhante à de uma situação de pós-conflito, para um depois do apocalipse. É esta a nossa realidade, é a partir disto e daqui que temos de nos realizar. Como dizia Gilles Deleuze: “A ética é estar à altura daquilo que nos acontece.”



ARMAÇÃO DE PÊRA – LAGOA DAS GARÇAS

A Lagoa das Garças pretendia ser um edifício de habitações para a classe média-alta, como destino primordial daqueles que procuram uma segunda habitação. Embora o empreendimento se localizasse numa cidade já de si urbanisticamente sobrelotada, o promotor acreditava que o sucesso estava garantido pelo conceito e pela proximidade em relação ao mar e a uma reserva natural. Investiu todo o seu dinheiro para o início das obras, com a promessa de apoio bancário após 20% da construção realizada com o seu capital. Mas, uma vez cumprido esse compromisso, os mesmos bancos recusaram-lhe o apoio à conclusão do projecto: em desespero, o promotor suicidou-se.



MONCHIQUE – AUTÓDROMO

Quando o projecto do Autódromo do Algarve arrancou, com a justificação de criar infra-estruturas e mecanismos de apoio à operação deste equipamento, foi autorizada a construção massiva de fogos habitacionais em seu redor – numa zona de montanha, de valor paisagístico e natural incalculável. Na senda do crédito fácil, iniciou-se a construção de projectos de qualidade duvidosa, que hoje são monstros inúteis a aniquilar aquela natural beleza paisagística.



VILAMOURA – VICTORIA GARDEN

Situado na estrada entre Boliqueime e Albufeira, discreto na localização e pouco visível pelos imponentes tapumes que o rodeiam, não esconde mesmo assim um cenário desolador.

A construção está terminada, mas o insucesso nas vendas transformou-a numa ruína moderna, de casas e piscinas, símbolos do sonho da classe média, hoje ladeadas por vegetação selvagem.



ALBUFEIRA – PRAIA DO CASTELO

O hotel com mais de 200 quartos fica numa das zonas de praia mais exclusivas de Albufeira. O início da construção implicou o corte ilegal de alguns acessos às praias em redor. Seis anos depois, os caminhos continuam obstruídos, agora por razões menos produtivas e empregadoras para a população, e já se fala de uma demolição que será paga com o dinheiro dos contribuintes.



ALBUFEIRA – HABISERVE

Com contornos poucos claros quanto aos motivos do abandono, esta outra ruína gigante ergue-se junto à já problemática e contestada marina de Albufeira. Uma marca pouco apelativa no que, de outro modo, seria um atractivo pólo de turismo de luxo, ligado à navegação. Hoje, a construção marca com traço negativo o olhar de quem lá passa: é o caos que se apresenta quando se espera encontrar beleza paisagística e urbanística.



NOSSA SENHORA DE MACHEDE – HOTEL

A ideia de que qualquer hotel em qualquer lugar é um projecto rentável é, neste caso um bom exemplo de como esse paradigma – estimulado e alimentado pela banca nos anos da transição do milénio – foi um dos grandes responsáveis pela descapitalização da economia e pelo repentino aumento das taxas de desemprego em todo o mundo. No final de uma estrada alcatroada, o hotel brota no meio de alguns montes alentejanos, abandonado, a entrar no processo irreversível de impossível recuperação, num sítio que dificilmente justificaria a escolha para a implantação de uma unidade hoteleira.



ALBUFEIRA – OCEANVILLE

Propunha-se como hotel com mais de 100 quartos e cerca de 80 fogos destinados a segunda habitação: um colosso urbanístico, construído num dos pontos mais altos de Albufeira, com vista privilegiada sobre a cidade e o mar. Sempre muito contestado pela população local, por razões do desenho arquitectónico, foi inaugurado em 2008 com algumas figuras públicas a promover o projecto, para ser encerrado logo de seguida. As ligações ao Banco Português de Negócios (BPN), na sua subsidiária Sociedade Lusa de Negócios (SLN), a conhecida falência económica e o resgate governamental, deixam incerto o futuro do OceanVille, que, com o desgaste e o abandono do tempo que leva encerrado e sem manutenção, o torna, a cada dia que passa, mais preterido por qualquer promotor.



SAGRES

Apesar de a zona impor dificuldades à realização de obras megalómanas para projectos turísticos, este projecto entre a vila de Sagres e o Farol de São Vicente, agora sem qualquer nome ou referência identificável a promotores ou proprietários, apresentava-se no início como um investimento seguro, para segunda ou primeira habitação. Em 2009 pára – sem perspectiva de recomeço. Não se sabe se virá a ter um desfecho feliz, mas a realidade salta à vista de todos os visitantes de Sagres, que aqui se dirigem à procura das afamadas paisagens de cortar a respiração, de perder de vista e *incólumes*...



ALMANCIL - SAVANNAH'S

O projeto foi apresentado em 2007, lançada a primeira pedra com pompa e circunstância. Poucos meses depois, porém, com o rebotar da bolha imobiliária, de forma repentina e sem apresentar qualquer justificação, os promotores abandonam a obra deste empreendimento destinado a segunda habitação para a terceira idade do Norte da Europa. Mais de 50 casas foram abandonadas a meio da construção. A dimensão e a visibilidade do que delas ficou faz perguntar o que acontecerá e ter a certeza de que a recuperação do espaço ou o recomeço das obras se torna cada vez mais um objectivo inatingível, tal o estado de degradação em que tudo se encontra.



REDONDO - VILA SOL

O Alentejo é conhecido pelas suas paisagens incólumes, com os conhecidos e singelos montes, habitações dos proprietários das quintas. O grupo Vila Sol decidiu aumentar em 70% um destes montes no distrito de Évora, perto da vila do Redondo. Invocava-se a criação de emprego e o investimento financeiro numa região carenciada. Uma vez mais, porém, a total dependência do crédito bancário hipotecou o projecto, hoje entregue à construtora para fazer face às dívidas. Hoje, a solução é distante como o horizonte alentejano.



PORTIMÃO - MORGADO DO REGUENGO

Projecto turístico no sopé da serra de Monchique: um campo de golfe, três hotéis e várias dezenas de fogos destinados a segunda habitação. Em 2012, depois de dois anos de dificuldades financeiras, o grupo Carlos Saraiva vê o financiamento bancário cortado. Sem condições para continuar o projecto, abandona-o, deixando no desemprego várias centenas de pessoas, desde empresas de construção a funcionários já contratados para a operação turística. Começa uma nova ruína, de um gigante projecto urbanístico abandonado, com uma marca indelével na paisagem.

JOSÉ MANUEL RIBEIRO

O RETRATO DA CRISE LUÍS AFONSO

O que é mais fascinante na fotografia é o poder que ela tem de parar o tempo, captando instantâneos. Cada um desses instantâneos é um momento, um preciso momento, que permanecerá imutável, mas a partir do qual o relógio não parou e antes dele muita coisa aconteceu. É por isso que as fotografias contam histórias, porque, quando olhamos para uma foto, não estamos a ver só o instante, vemos também o antes e o depois. Uma grande fotografia é como uma longa metragem na nossa cabeça.

É de grande fotografia que se trata quando se fala do trabalho de José Manuel Ribeiro. A sua sensibilidade e capacidade de síntese dão-nos a possibilidade de olhar e analisar esta crise sem fim à vista numa dúzia de imagens. Está lá tudo. O cartaz suspenso sobre as ruínas da antiga Fábrica dos Cabos de Ávila funciona como o elemento de partida e de chegada. A publicidade agressiva, incitando ao consumo desenfreado, que levou ao endividamento excessivo, provocando a falência de tantas famílias, coexiste com os escombros da produção nacional, talvez mesmo de uma sociedade. O fim da ilusão. Que está presente nas imagens do velho garimpeiro, onde apenas é mantida como atracção turística. O que pode muito bem vir a acontecer a Portugal, tornar-se um cartaz turístico da ilusão anunciada por vendedores de banha da cobra. Ilusão é coisa que Maria José e João Lopes nunca devem ter tido; a forma como se entregam à apanha de percebes para complementar as magras reformas é o retrato de um Estado ex-Social que esquece quem nunca fez outra coisa senão trabalhar toda a vida. Olha-se para os dois amigos que cultivam legumes numa horta em Fanhões e percebe-se que desafiam cenários macroeconómicos, estudos de viabilidade e outras tretas. Pode não valer a pena, mas teimam em não desistir. A falta de esperança no futuro surge-nos implícita naquela cadeira de bebé abandonada ou no carro de brincar que deu à costa. Este não é um país para mais crianças. Aliás, nem se sabe para quem será este país.

Os rostos que aqui aparecem são todos do lado das vítimas da crise. Pergunta-se: onde estão os culpados, os tais que venderam ilusões, os poucos que vivem demasiado bem para tantos viverem demasiado mal? Se repararem, estão em todas eles.

A foto da rapariga que abraça o polícia, que já deu tantas vezes a volta ao mundo, pode levar-nos a pensar que ainda haverá esperança. Neste caso, acredito que somos nós mesmos que queremos criar uma história para aquele momento. Não sabemos nem queremos saber o que a rapariga e o polícia pensam fazer. Deixem-nos apenas olhar para a beleza da foto e sonhar. Obrigado, Zé Ribeiro!



PERCEBES

Maria José, com 69 anos, e João Lopes, com 75, apanham regularmente percebes, descendo ao fundo das arribas que ficam entre o cabo da Roca e o Norte da Ericeira. Vendem-nos depois na estrada junto com hortícolas por si criadas complementando a sua reforma de 270 euros.

**MILHÕES**

Nunca tanto, de tudo, em tantos sítios, foi proposto tão barato.

Um cartaz suspenso sobre as ruínas da antiga Fábrica de Cabos de Ávila anuncia promoções de uma grande superfície comercial em Alfragide.



HORTELÕES

José Vicente, carpinteiro desempregado de 52 anos, começou a cultivar legumes numa horta em Fanhões no concelho de Loures com o vizinho e amigo Jaime Dinis, electricista reformado de 67 anos, para depois os venderem em feiras da região. Mas nalguns dias "o ganho não chega para o gasóleo da deslocação" e "os legumes ficam-nos para levar para casa e dar..."



GARIMPO

Ti Manel, o último de centenas de garimpeiros, explica como procurar ouro nos areais do rio Ocreza, para surpresa dos visitantes da foz do Cobrão, no distrito de Castelo Branco. Aqui chegaram a trabalhar centenas de exploradores de metais preciosos, mas a actividade acabaria



por esgotar-se em finais dos anos sessenta. Nas décadas seguintes, fábricas e outras actividades foram encerrando e as pessoas emigraram. Hoje o garimpo é só uma dourada ilusão e uma atracção turística numa zona despovoada e profundamente empobrecida.



SEM BEBÉS

O progressivo decréscimo de natalidade ao longo de décadas atingiu o seu máximo no início de 2012. Cadeira de bebé abandonada num campo em Ferreira do Zêzere.
Carro de brincar que deu à praia em Porto Brandão frente a Lisboa.



BRANDOS COSTUMES E FIRMEZA

Em todo o país no dia 15 de Setembro centenas de milhares de pessoas saíram à rua em protesto, num movimento sem partidos nem sindicatos, convocado inicialmente pela internet. Os mais velhos comparam-no com o primeiro 1.º de Maio após a revolução de 25 de Abril de 1974. Então celebrando e agora protestando, o país de brandos costumes mostra firmeza. Vinda do Algarve, Adriana Xavier junta-se em Lisboa às centenas de milhares e no percurso observa os protestos diante dos escritórios do FMI. É então que aborda um polícia e depois de curtas palavras pensou: "acredito que se der amor, recebo amor".

ADRIANA MORAIS

O PAÍS DA ADRIANA ANA SÁ LOPES

Eu conheci o país da Adriana nos anos 70. Éramos assim: pobres. Não fazíamos importações de produtos. As despesas do Estado estavam muito cortadinhas, a saúde, a educação, tudo isso de que falam agora. As pessoas não iam ter filhos aos hospitais públicos, até porque não havia muitos hospitais públicos e entre os que havia muitos metiam medo. Só os quase-ricos (e os filhos de pais muito esforçados) conseguiam “ir para Coimbra” ou para a Universidade de Lisboa. Não havia “subsídios” e havia chancas. Já quase ninguém sabe o que significa a palavra “chancas”, mas refere-se àquilo que se usava antes de se atingir o estágio de rendimento superior que permitia comprar sapatos.

Os miúdos deixavam de estudar aos 10 anos – deve ser daí que vem aquela treta da “antiga quarta classe” valer mais do que sei lá o quê hoje. Iam trabalhar: o pior de tudo era trabalhar no campo ou numa fábrica muito má, mas havia o luxo de se poder arranjar emprego numa loja. Quando a Paula arranjou emprego numa loja ficámos muito felizes.

Os pobres eram pobres porque sim. As raparigas podiam deixar de ser tão pobres se decidissem (em geral os pais tratavam do assunto por elas) ir servir aos 12 anos, por um salário ridículo e restos de comida. Os rapazes também podiam ser marçanos, vender jornais, engraxar sapatos e trabalhar nas fábricas.

Lavavam-se sacos de plástico e não era por preocupações ecológicas que, aliás, ninguém conhecia. Um frango dava para 10 e é verdade que Salazar não aumentava o pão. Mesmo a classe média cortava nos bifés e sabia fazer rissóis. Devia ser isto que significava “viver dentro das nossas possibilidades”. Pedir dinheiro emprestado era vergonhoso – não se podia ficar “a dever”, nem ao banco nem ao tio. Juntava-se dinheiro e ouro para o socorro futuro, “para uma doença” (não havia hospitais, já disse). Este país não tinha “portugueses gastadores” nem “cigarras” nem “gastos sumptuários” e muito menos Estado ao qual recorrer, a menos que se fosse um empresário sujeito às regras do proteccionismo.

É este o país que o país da Adriana Morais já anuncia. Estamos devagarinho a voltar às raízes, como se a miséria fosse uma espécie de património histórico que importa preservar. Há 30 anos houve uns arquitectos que rebentaram algumas pedras centenárias, mas os novos conservadores vão pôr isto no saudoso lugar “à medida das nossas possibilidades”. O processo de recuperação de toda a memória nacional está em curso: há um programa financiado com fundos europeus destinado a restaurar as marcas identitárias da nação – porque raio vinte e tal anos haveriam de destruir toda uma miséria acumulada em séculos?

Afinal, éramos pobres mas alegres. As pessoas divertiam-se, namoravam, casavam, tinham filhos, essas coisas. Os homens emborrachavam-se muito, o que fazia alguns andarem bem-dispostos e outros não. Não se gastava dinheiro em roupa e as pessoas também não tomavam banho todos os dias: o gás era caro, a água também e o sabão gasta a pele. E se não me engano não havia obesidade infantil.

Só não nos podemos queixar é do primeiro-ministro não ter avisado. Ele disse que iríamos empobrecer e é raro um primeiro-ministro ter assim uma promessa não falhada.



MECÂNICA SETUBALENSE

A fábrica de latas de conserva Mecânica Setubalense encerrou no final dos anos 80, tal como muitas das suas irmãs, depois de a terapia de choque do FMI ter trazido fome e bandeiras negras a Setúbal. 232 trabalhadores foram para a rua sem nunca chegarem a ver os salários que tinham em atraso. Hoje, as mesmas paredes ajudam à construção de casas clandestinas para algumas das famílias mais pobres do distrito.

O bairro tem crescido nos últimos anos e já serve de abrigo a cerca de 25 famílias. Cabo-verdianos lutadores, muitos dos quais não conseguiam pagar a renda de casa nem encontrar trabalho numa das regiões mais afectadas pela explosão do desemprego em Portugal. As paredes nuas e frágeis escondem um acesso limitado e ilegal a água e eletricidade. A chuva traz medo de desabamentos e a polícia medo de expulsão. Há 29 anos, a entrada do FMI em Portugal empurrou os trabalhadores da Mecânica Setubalense para o desemprego. O regresso do fundo está a arrastar gente de volta para a fábrica, agora para viver nas suas ruínas.



Zinaida (à esquerda) dá de biberão ao neto, enquanto a nora cuida do filho da vizinha. A entreatajuda entre os vizinhos é uma das principais características da vida no bairro.



Hoje é o dia de aniversário do Belmiro, comemorado no quintal com um almoço para os vizinhos.



Maria Antónia tem oito filhos. Já tentou sair do bairro, mas foi obrigada a regressar em 2010.



Apesar das condições difíceis em que vivem, quem mora à sombra deste moribundo gigante industrial faz questão de manter os seus jardins limpos e as suas casas arranjadas.



A Melissa chegou à Mecânica Setubalense há dois anos. A casa ainda não está construída e vive com a família numa única divisão.



Joaquim vivia numa casa arrendada. Há dois anos foi obrigado a abandoná-la e a construir a sua própria casa, nas ruínas da Mecânica Setubalense. Trabalhava na construção civil. Hoje não consegue arranjar trabalho e não recebe nenhum subsídio.



Vitor é um ex-pugilista, que tenta ensinar à cunhada Welma a arte do boxe. Ao domingo dá aulas aos jovens do bairro.



Perto de duas dezenas de crianças vivem no bairro, brincando todos os dias entre os destroços da fábrica, com vista para o Sado e para Troia.

RICARDO MEIRELES

A ERA DANINHA FERNANDO ALVES

Quando te aventurares por geiras de outras eras dispensa o sistema de geo-posicionamento, a navegação por satélite, a nova cartografia. Eles terão pouco préstimo, eramá, nos trilhos erodidos pela urze e pelo vento. Anota, entretanto, o vago nome desses lugares sem cadastro. Não precisarás de google earth ou de showmystreet, pois estes são já os lugares perdidos dos mapas. Mesmo se as placas parecem indicar o nome de um antigo reino.

San Cibrao de Oimbra, anota. Há um caminho que vem de Cambedo da Raia, uma linha de pó pontuada por marcos fronteirigos, um pê maiúsculo inscrito em pequenos paralelepípedos de granito ao alto, ora assentes em penedos, ora calcados na berma, como se ainda marcassem a antiga “cortina de cortiça” ou delimitassem um território de “povos promíscuos”. Era uma vez uma era daninha, em Vila Verde da Raia.

O mesmo Tâmega banha, agora, a utopia de uma euro-cidade.

Já aqui foi gizada uma agenda estratégica, anota.

Estás diante de um arco sem glória no país da passagem a salto. Terrível tempo nos foi dado viver, era daninha, cinco quinas, cinco chagas num sono granítico, o país à venda. Era uma vez, eramá.

Assim esta A4 foi traçada, troço a troço. E, então, sim, a geodesia, a taqueometria, o fio de prumo, o teodolito. Depois, eramá, o mesmo vento, o mesmo desalento.

Como se uma hera de betão tivesse esticado antigos marcos miliários na paisagem desolada, os pilares do viaduto parecem fortalezas extravagantes. Senta-te numa das cadeiras junto ao barracão do antigo stand de automóveis e anota: cresce velozmente a erva daninha junto às estradas abandonadas.

Faz-te, agora, ao caminho, até à avenida fantasma. Tantos tês quanto os teus dedos possam contar, e tudo a condizer, roupeiros, cozinhas equipadas, suites, garagens, candeeiros, passeadeiras. Não tarda, assomará a era daninha, as assombradas assoalhadas pedem mais camartelo que reboco, mas “nem dinheiro há para demolir”, dizem-te e anotas. As coisas que tu escutas, no país das mais insólitas insolvências. Estaciona de Volvo, sob os viadutos, o país devoluto.

Está a bilheteira fechada, a linha já não cruza o túnel. Não se vislumbra, ao fundo, sequer, um fio de luz. Porque o tapume, anotas. Não se vislumbra já senão negrume.

No chão umbroso só o musgo vinga. Da velha fiação, restam as paredes, nem carda, nem mecha, nem fio, nem pavio.

Já nem Penélope se senta, à noite, ao tear. Argos é mau de boca, só quer ração gourmet. Ulisses vai para a Moldávia construir viadutos. É a nova era na mais pobre Europa.

Penélope conta as horas num relógio de ouro e engoma o pólo Hugo Boss que ele há-de vestir. Quando Ulisses regressar, Penélope há-de recebê-lo com beijos e ovos moles. E Argos dará ao rabo nas tantas assoalhadas da avenida central.



CHAVES

Em 1993 foi estabelecido o Acordo de Schengen e a partir dessa data as fronteiras estão abertas à circulação de pessoas e bens. O antigo posto posto fronteiriço de Vila Verde da Raia, em Chaves, outrora uma das principais entradas em Portugal, está à venda por 800 mil euros.



VILA REAL

As obras da auto-estrada do Marão estiveram mais tempo paradas do que em execução desde o início da empreitada, em 2009. Com 200 milhões de euros de fundos comunitários em causa, o Estado, vítima do seu próprio modelo de financiamento autofágico – a parceria público-privada –, não revela como sairá do impasse. Por outro lado, o mercado automóvel sofreu uma quebra severa.



TUA

Um dos túneis da mítica linha ferroviária serve agora de apoio ao estaleiro das obras da Barragem de Foz Tua. Quem usava o comboio ficou mais isolado e dependente. A 1 de Julho, os táxis alternativos ao comboio pararam sem aviso às populações.



VALONGO/PORTO

Uma mega urbanização com centenas de habitações e novos edifícios públicos foi anunciada como a "Brasília" de Valongo, a cidade moderna que emergiria em terrenos de antigas pedreiras de lousa. Mas o projecto megalómano da cidade dormitório do Porto acabou em esqueletos de betão, um problema que o município, falido e endividado, não tem meios para resolver. Por todo o país, a falência funde-se na paisagem.



VALE DO AVE

Varrida pela crise, esta região passou de perto do pleno emprego às ossadas da desindustrialização numa década. A ruína gerou um fenómeno inesperado: aqueles que na infância tomaram banho no rio e que na idade adulta se empregaram nas fábricas têxteis voltaram agora, fechadas as fontes de poluição, a poder usufruir da água, à qual regressaram os peixes.

**AVEIRO**

Diogo, 36 anos, engenheiro civil, trabalha fora de Portugal há seis anos. Já esteve na Irlanda e na Polónia. Depois das férias, volta a deixar a família na sua casa da avenida principal da cidade e prepara-se para voltar à Moldávia, onde trabalha actualmente. Optou por emigrar para que a sua família possa manter o estilo de vida.

NUNO FOX

2000 E DOZE, 2000 E HOJE, 2000 E NÓS, 2000 E SEMPRE!... **FREI FERNANDO VENTURA**

*E se um dia hei de ser pó, cinza ou nada, seja a minha noite uma alvorada, em que me saiba perder p'ra me encontrar!*¹ (Florbela Espanca)

O fraco rei faz fraca a forte gente! Mas a gente fartou-se dos fracos reis e foi à luta! E o rei tremeu! E a noite está a ser uma alvorada, ainda pouco nítida mas, definitivamente, uma alvorada no tempo, capaz de tocar a história, de fazer memória, e vencer o medo! O medo com que os reis querem matar os sonhos. Quando a alvorada brilhar, quando a noite chegar ao fim, os reis hão de ser réus e a luta terá valido a pena! Independentes, livres, cidadãos do mundo e de ninguém, de terras de sonho e de lonjura, desta terra onde o mar começa e de onde nos perdemos para nos encontrarmos, no longe e na distância, no aqui e no mais além. Assim, somos nós, que chorámos lágrimas salgadas de sorrisos e sorrisos de lágrimas amargas; de sonho como só nós sabemos sonhar; de nostalgias, pão do nosso sustento, desde que nascemos para correr o mundo... para correr a História, pela mão do destino ou pela mão de Deus e nós fomos, fomos e vamos juntos, dar mundos ao mundo, mas sobretudo dar coração à História de tantos mundos que nos habitam.

E corremos! Continentes e oceanos! E lutámos, e lutaremos contra todos os facinoras que teimaram e teimam em ocupar a nossa história! E vivemos! Viveremos dentro de nós e para além de nós, em mundos que o nosso mundo deu ao mundo; até em mundos que o nosso mundo abandonou à sua sorte, entregues às mãos de criminosos que fizeram outros mundos de milhões, à custa da escravatura dos seus cidadãos... Mas não calámos, não calaremos! Não podemos calar um país, que chora a cantar, à espera de ver uma justiça que não esteja adiada, onde as únicas equivalências sejam as do mérito, onde as pessoas não sejam números, onde as provas capazes de culpar os culpados não desapareçam nem sejam destruídas, onde o pão seja só ganho com o suor do rosto, onde ninguém viva abaixo do mínimo da dignidade humana, onde a conquista do penacho não seja o único objectivo de ninguém. E cantamos, e falamos. Sim, cantamos e falamos nas gargantas que se recusam a calar os sonhos mortos, os prantos e as ignomínias dos tempos, do tempo e de certos tempos... Não nos calamos!

Dentro de nós habita um mundo, uma língua, uma pátria, uma história, que chora ao ver o país comprado com dinheiro sujo ganho com o martírio de sangue inocente, da África e do Oriente, onde o nosso mundo deu mundos ao mundo, mas onde agora certos senhores pensam ser e são... os novos donos do mundo. Somos gente com sentimentos genuínos; serão tristes, dolentes, chorosos... mas são sinceros, verdadeiros, essenciais, tal como a alma mais genuína que em nós vive.

Somos portugueses, cidadãos do mundo, de toda a parte e de nenhures. Toda a terra é nossa e nós somos de toda a gente, sem ser de ninguém, até sem sermos de nós, nesta liberdade que nos habita, que nos faz, que nos "é"! Por isso somos filhos dos silêncios e dos murmúrios, por isso nos encontramos e nos perdemos nas melodias do ser, por isso somos também música e guitarra em forma de coração, de um povo alegre que verseja em versos tristes, que sonha um Sebastião vindo das brumas do tempo de Alcácer Quibir ou de Massamá, tanto faz, é o destino...

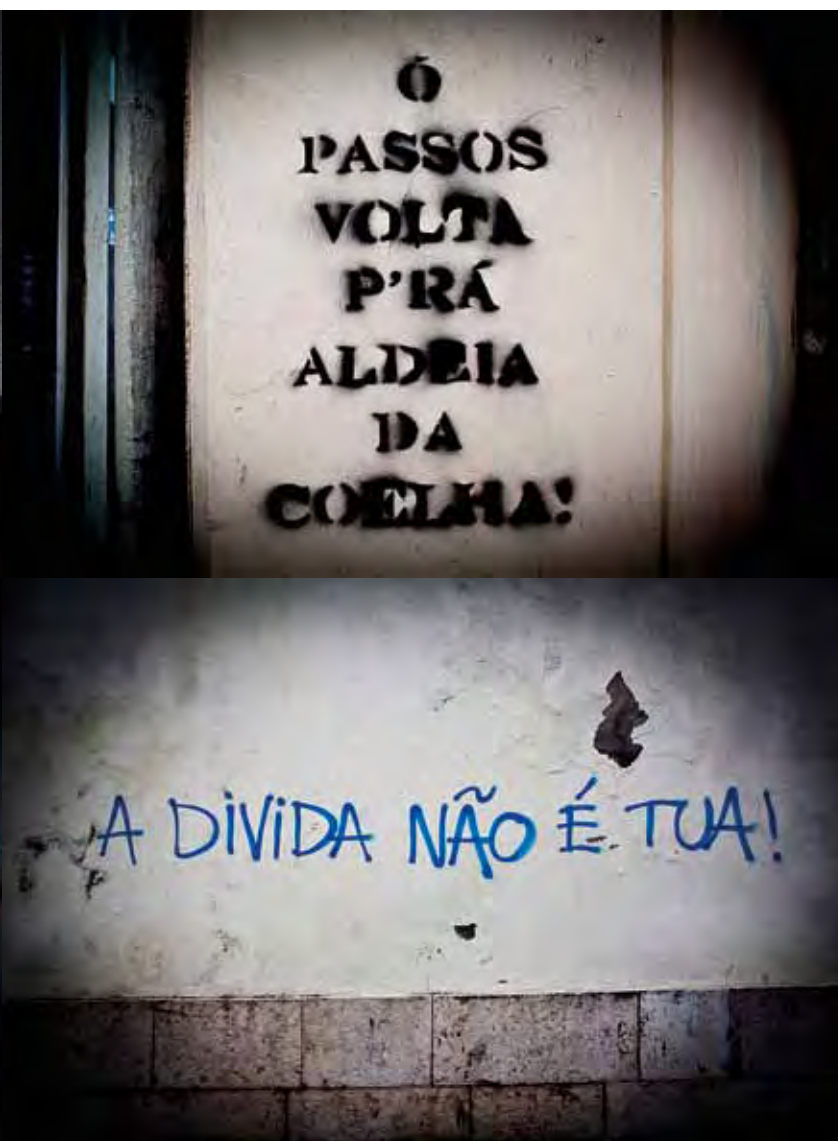
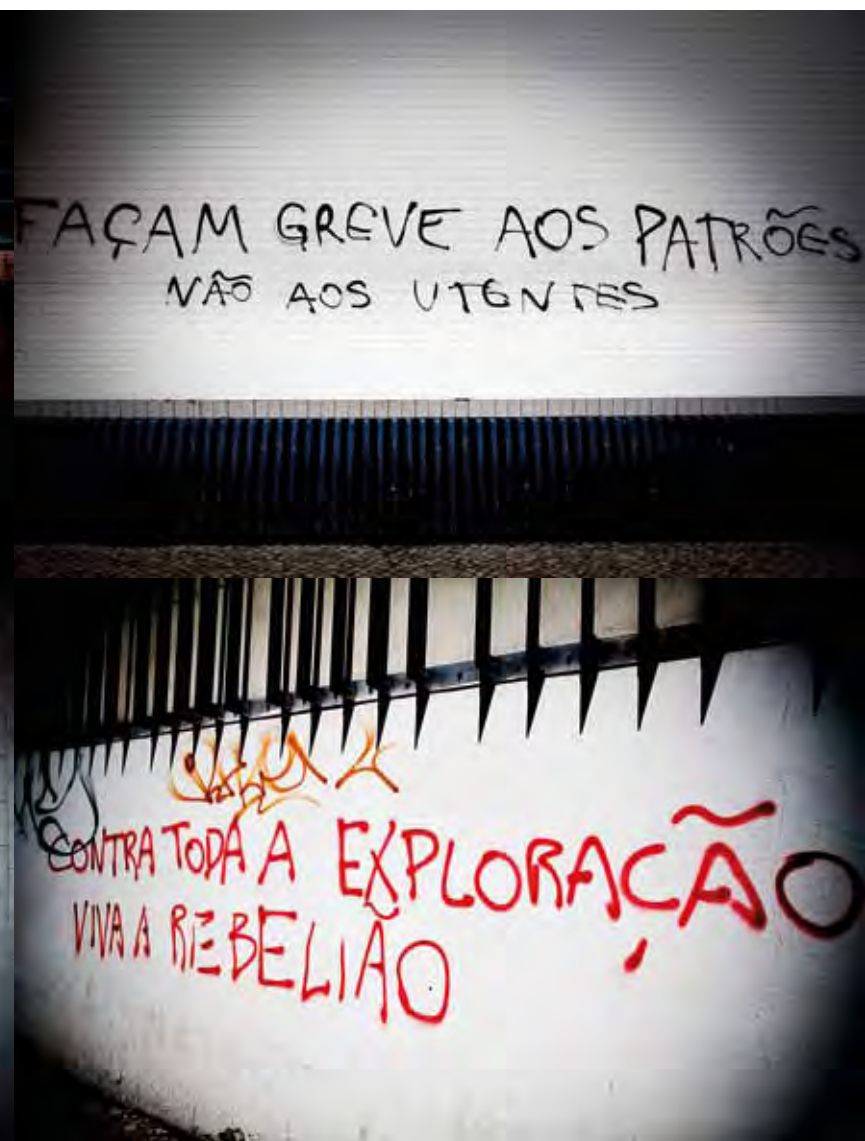
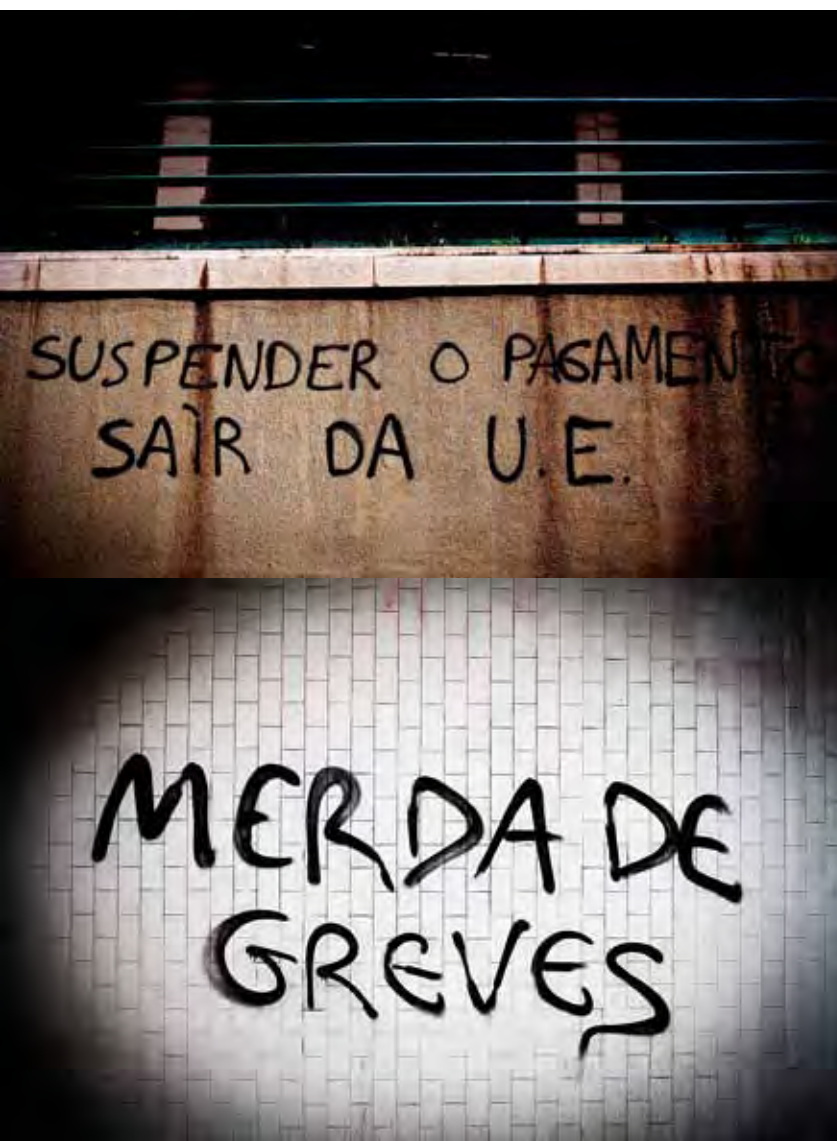
Mas gritaremos, resistiremos, cantaremos, até que a voz nos doa!

Jamais nos deixaremos apagar por esta apagada e vil tristeza, manobrada por esses que por obras asquerosas se vão à lei da morte condenando na busca a todo o custo d'essa aura popular que honra se chama. Vamos juntos, estamos juntos sem penachos, nem mentiras, sem máscaras, nem aventais, e subiremos na vida a pulso...

**LISBOA**

Após a Revolução dos Cravos, coloridos murais pintados nas ruas serviam para propaganda política, palavras de ordem contra 48 anos de ditadura, igualdade e mais direitos para o povo.

Nos tempos de hoje com a troika, a crise social, as medidas de austeridade, o desespero e a falta de perspectivas de um futuro melhor para muitas pessoas, observa-se um aumento de mensagens nas paredes das cidades.



Anónimos, movimentos, partidos?
 Não se sabe a autoria, mas é impossível ignorar.
 São os murais de 2012!!!



LISBOA
 O aumento do desemprego, aumento das taxas moderadoras, aumento dos pedidos de ajuda a associações de solidariedade, aumento da emigração, aumento dos pedidos de ajudas sociais, aumento de greves... tudo isto levou ao aumento das FILAS.

AGRICULTORES DE ESTRADA

Percorrendo as estradas nacionais do distrito de Santarém, observa-se um aumento de vendedores de estrada. Alguns têm décadas, mas muitos foram obrigados a abraçar esta vida neste último ano. O desemprego que bateu à porta, a reforma que não chega para os medicamentos, o ordenado que não estica para pagar as dívidas/despesas todas, levaram a que estas pessoas voltassem ao seu pedaço de terra e cultivassem para vender na estrada.

Porto Alto





Almeirim
Carregueira



Foros de Almada
N1



Azeitada

JOSÉ ANTÓNIO RODRIGUES

ACORDAR A DISTÂNCIA RUI GOULART

Os Açores são mais do que paisagens que nunca se repetem; são, também, nove ilhas sem que nenhuma delas tenha um pacto de paz com a Mãe Terra.

Os seus habitantes sabem que, através da força da alma, desafiam a física e, até, o princípio da incerteza da sua condição geográfica e vulcânica.

A lava é, muitas vezes, símbolo de uma lágrima cravada no combate a uma possível prisão insular ou à liberdade de um horizonte sem limites.

Os açorianos, no regaço do Atlântico, foram também atingidos pelo furacão dos mercados, num mundo cada vez mais plano e, no entanto, frágil às oscilações de alguns donos, promotores das desigualdades, que moram para lá da curvatura da terra dos grupos Ocidental, Central e Oriental.

A condição de ilhas obriga a que não haja indiferença a cada desafio, a cada dificuldade e a cada sonho. O mar ou inspira ou trava a economia, tornando-a numa espécie de talento delicado ou mendigo. A distância, já longe em si, fica mais afastada de algumas oportunidades. Contudo, há quem consiga vencer o sonho perseguido, porque acordar num resto de nada também cansa.

Estes “ilhéus” entre a Europa e os Estados Unidos, por vezes esquecidos, quebraram barreiras da sua natureza ultraperiférica e aproximaram-se do país e da União Europeia em vários indicadores.

Os Açores têm-se desenvolvido, mas a forte instabilidade dos mercados, numa espécie de crise sísmica, fez tremer a autonomia, já em fase adulta. As nove ilhas vivem abraçadas a uma elevada taxa de beneficiários do Rendimento Social de Inserção e, este ano, a palavra desemprego multiplicou-se na angústia, tal como nos dados estatísticos de uma Europa inacabada no olhar do tempo.

Em 2012, a crise despertou fragilidades no arquipélago, abraçou oportunidades e fez sentir a bipolaridade física do horizonte de cada ilha: liberdade ou prisão? No meio da bruma, muitos ficaram entre curvas e sem destino, outros continuaram a acreditar que havia um pedaço de céu nesta terra. O açoriano sabe que o mar consegue afundar a travessia de ilusões, mas também sabe que permite encontrar numa encosta a liberdade sem tempo.

Por vezes, o futuro não esquece as dificuldades do presente, foge em forma de sombra, mas pode regressar como oportunidade, mesmo quando as réplicas da crise económica e social ameaçam a região ou a ilha que existe dentro de cada um.

Nos Açores, caminhar é sentir o peso e a regalia da condição arquipelágica. É nesse intervalo que reside a distância e a vontade de criar novos universos.

A geografia é, nestes casos, apenas um conceito, perfeitamente enamorado do futuro. Numa ilha pode habitar o despertar de uma nova existência, o eco de todos os silêncios, uma outra janela, o tal momento.



SÃO MIGUEL, RABO DE PEIXE

Lurdes, 48 anos de idade, e o marido Jorge, 52 anos, na sala, que também é quarto, da casa onde vive há nove anos com dois filhos e uma neta de 5 anos, sem o mínimo de condições.



Todos vivem do RSI, cerca de €400,00 no total. Desde Janeiro de 2012 que começou a receber um recibo de €43,33 para pagar todos os meses da renda de habitação social. Nunca pagou, provavelmente irá ser despejada.



SÃO MIGUEL, CALHETAS, RIBEIRA GRANDE

Fernando, 41 anos, natural de Rabo de Peixe, é pai de seis filhas, avô de dois netos. Em casa, só a mulher é que recebe RSI, cerca de €300,00. Faz parte de um grupo conhecido por "catadores", homens que procuram no lixo o sustento para a família. A crise de 2012 já chegou ao lixo, isto mesmo o afirmam "Há menos lixo, as pessoas deitam menos coisas fora, estão mais poupadas."

CORVO, AÇORES

Joe Valadão, 32 anos, solteiro, nasceu na Califórnia. Com 9 anos veio para o Corvo com os pais. Estudou até ao 11.º ano, trabalhou como barman no único bar da ilha, até ter fechado. Ficou desempregado, mas com as poupanças, começou a comprar casas em ruínas no centro da Vila do Corvo para reconstruir e alugar. "... um negócio de alto risco, pois na ilha todos os cerca de 400 habitantes têm casa própria. Só para turismo ou para os professores que são cá colacados. Mesmo assim, este ano adquiri três ruínas a pronto pagamento, e fiz a minha casa", afirma o actual empresário.

Nesta ilha dos Açores não há desemprego, mas sim falta de trabalhadores, principalmente para a pesca.





SÃO MIGUEL

Catarina França, 46 anos, enfermeira, divorciada, mãe de quatro filhos.

Criou a empresa Barriguinhas Mágicas, "na tentativa de fazer face às dificuldades económicas que todos estamos a passar". Iniciou esta actividade em 2012, a qual acumula com a sua profissão de enfermeira. Neste momento já tem encomendas de todo o arquipélago e de Portugal continental.

SÃO JORGE

Aldo Castanheira, 31 anos, natural de S. João da Madeira, piloto de helicópteros, e Carolina Medeiros, 31 anos, natural de Ponta Delgada, São Miguel, designer, vivem em união de facto. Em Fevereiro souberam que iam ser pais. Depois de viverem 12 anos em Lisboa, fizeram questão de voltar aos Açores para terem uma melhor qualidade de vida. Decisão essa que foi reforçada com a gravidez. "Ter filhos em Lisboa nunca foi a nossa vontade. Decidimos este ano comprar uma propriedade em ruínas na ilha de São Jorge, com potencial para o turismo rural. Vamos ser felizes aqui e com trabalho."



DUARTE SÁ

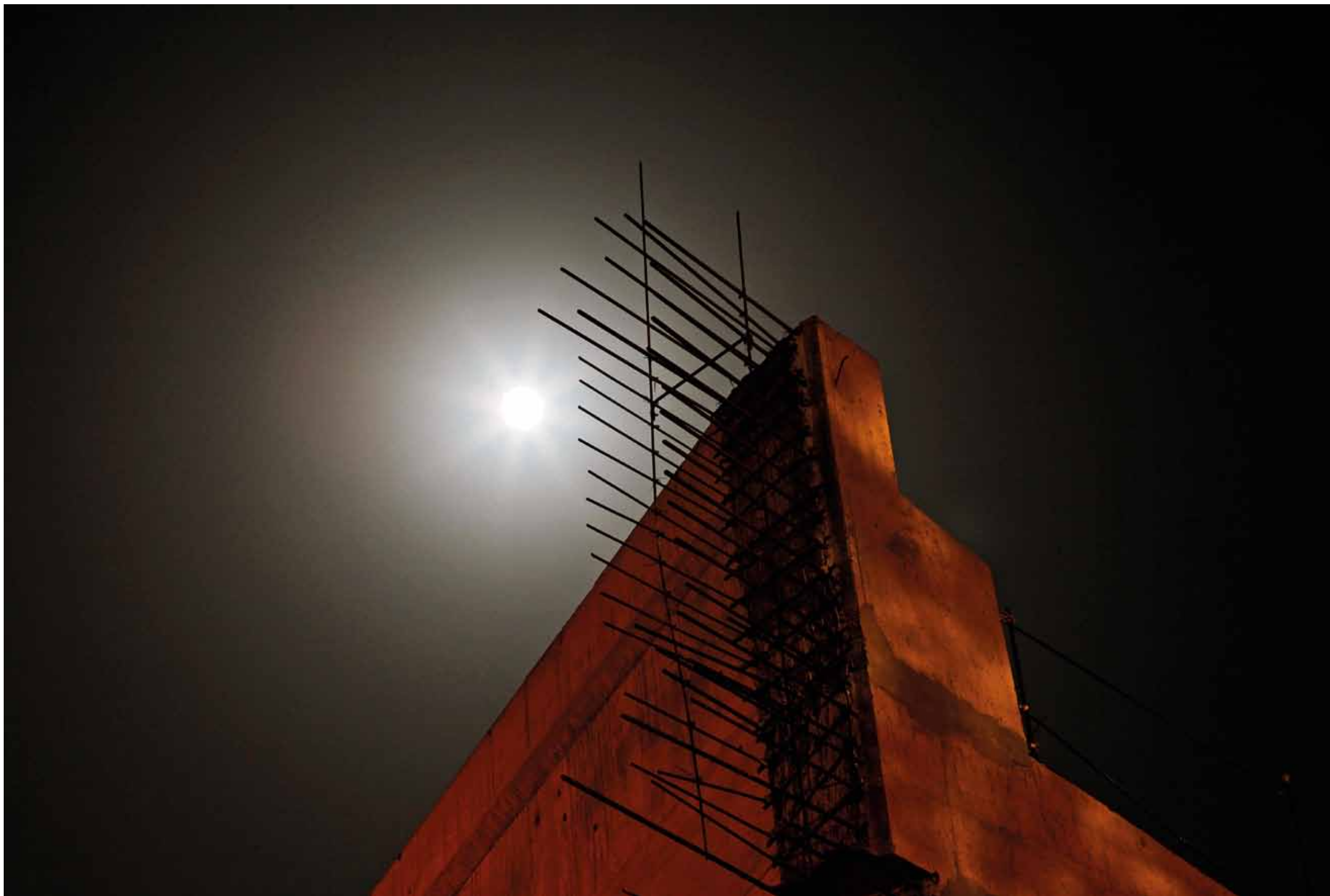
IMAGENS DE UMA ILHA PERDIDA VICENTE JORGE SILVA

As vias rápidas, os viadutos e os túneis que rasgam a ilha de lés-a-lés ficarão para a história como os ícones da 'Madeira Nova', essa ficção inventada e encenada durante mais de trinta anos por Alberto João Jardim. Mas a crise chegou, o dinheiro fácil evaporou-se num ápice e a grande ilusão que levava a maioria dos madeirenses a votar num supremo benfeitor desfez-se da noite para o dia.

É, aliás, uma imagem nocturna, espectral, de um desses ícones do jardinismo – uma via rápida cujas obras foram suspensas por falta de financiamento – que inicia a sequência das imagens desencantadas, melancólicas, que Duarte Sá captou de uma ilha perdida num tempo que não se repetirá, um tempo esvaziado de sentido pelo choque brusco com a terrível realidade da crise. Há uma personagem, a mulher da última fotografia, que se confessa feliz, apesar de tudo, porque acredita ter reinventado a sua vida depois do desemprego. Ela avança, transportando os sacos com as suas criações, em direcção ao adro de uma igreja em ambiente festivo. Entre esta última imagem, com o seu optimismo ingénuo, e a inicial, da fantasmagórica via rápida eventualmente destinada ao abandono, há, à primeira vista, um contraste violento, como se fossem arrancadas a mundos diferentes. E, no entanto, as imagens que vamos vendo entre uma e outra mergulham-nos num efeito comum de irrealidade, como se os ícones da 'obra feita' do jardinismo e a solidão das personagens – tristes, aflitas ou até, porventura, 'felizes' – reflectissem em conjunto a grande miragem em que a Madeira se tornou.

Uma ilha pobre que um ilusionista político pretendeu fazer passar por rica, deixando atrás de si um rasto de ilusões perdidas ou sonhos absurdos (como essa imagem radiosa de Marilyn atrás de um fotógrafo de estúdio para quem os bons velhos tempos se extinguiram). É a força da realidade que, por vezes, nos conduz a uma atmosfera irreal como testemunham as fotos de Duarte Sá. E como podemos encontrar através da paisagem da Madeira de 2012, com a natureza escondida pelos túneis e devastada pelo betão entretanto corroído pela passagem impiedosa dos anos. Uma ilha finalmente perdida e parada no tempo – como numa fotografia.

Via Rápida Câmara de Lobos – Estreito de Câmara de Lobos, uma obra adjudicada por 60 milhões de euros, que liga as duas principais freguesias do concelho de Câmara de Lobos, estava prevista ser concluída em 2011. Está parada por falta de financiamento. Atravessa diversas zonas agrícolas e vitícolas, prejudicando diversos produtores de vinho e agricultores, dado ter cortado diversos acessos dos mesmos às suas explorações, além de haver alguns expropriados que ficaram sem os seus terrenos e nunca receberam as verbas a que têm direito.



Agostinha Nunes, agricultora com 63 anos de idade, viúva, carrega um saco de compostagem para utilizar nas suas flores, no acesso ao beco que liga a sua casa à casa da irmã, junto às obras paradas de um viaduto, na Cota 500.

A construção desta via levou ao corte do beco, tendo os moradores que percorrer uma distância maior para chegar a casa, além de que o acesso ao mesmo é demasiado inclinado.

Em caso de emergência médica, a utilização de macas não é possível, devido ao declive acentuado. Parada desde 2011, a Cota 500 é uma via passa pelas zonas altas das freguesias de São Roque e Santo António, no Funchal. A única parte já concluída apenas liga dois destes sítios, sendo que o volume de tráfego é reduzido. É usual encontrar mais moradores a fazer caminhadas do que viaturas a circular, numa obra de muitos milhões de euros.



No 1.º andar do n.º7 da Rua Dr. Fernão de Ornelas, uma das principais ruas do centro do Funchal, está localizada a Foto Sol. Fundada por Consuelo Santos (já falecida) em Julho de 1951, é uma das lojas de fotografia mais antigas da Madeira, e neste ano de profunda crise, sobrevive com severas dificuldades.

À frente deste histórico estabelecimento comercial está o filho mais velho da fundadora, Gil Santos. Com 57 anos de idade, e mais de 40 a trabalhar na Foto Sol, é o rosto da luta pela manutenção das portas abertas ao público. Já tiveram três lojas abertas em simultâneo, num total de 16 funcionários, mas actualmente apenas resiste esta, com apenas três funcionários: o próprio gerente, a esposa e mais uma funcionária, que trata da parte digital. Resistem graças à renda de baixo valor, cerca de 192 euros mensais, e ainda aos clientes mais antigos, que olham para esta loja como um dos poucos locais onde ainda se trabalha com películas de negativo. O arquivo cheio de história e de eventos realizados noutros tempos também é um atractivo para clientes, como por exemplo as diversas edições do Rali Vinho Madeira dos anos 80. Possuem aquele que já foi o melhor estúdio para fotografias da Madeira, e por isso ainda surgem clientes para tirar as famosas fotos de família, contudo o facto da entidade que emite os cartões do cidadão fazer as fotos para o mesmo retirou muita clientela às lojas do Funchal.

Gil Santos ainda se lembra de outros tempos onde faziam cerca de 90 reportagens de casamento por ano, contudo nos tempos que correm mal chegam aos 20. A culpa é da crise, mas principalmente da entrada da tecnologia digital na fotografia, aliada aos muitos fotógrafos piratas que surgiram, pessoas com outras profissões mas que aos fins-de-semana fazem fotografia, com preços mais baratos mas também qualidade inferior.



José Paulo Benedito, com 34 anos e desempregado há mais de cinco, faz das tripas coração para sobreviver. Trabalhava numa padaria da zona Leste da ilha, recentemente encerrada por insolvência, mas acabou por sair por atrasos e faltas de pagamento dos salários. Actualmente vagueia pelos arredores do Funchal, procurando em terrenos baldios e matagais por sucatas e ferro-velho a pé, indo depois a pé até ao local onde está a empresa que faz a recolha do material encontrado. Recebe 10 cêntimos por cada quilo de ferro entregue na sucata, subindo a parada conforme o tipo de metal que encontra, sendo que o cobre dos fios eléctricos é o que lhe proporciona mais rendimento, embora seja o mais difícil de encontrar. Quando não há sucata para encontrar, apanha tabaibos, um fruto exótico que nasce de forma espontânea nas perigosíssimas falésias perto de sua casa, na zona do Pináculo. José Paulo não tem medo do risco de queda, pois tem um pisar ligeiro e cuidadoso. Consegue 10 euros por cada balde de frutos, embora noutros tempos recebesse 15 euros pela mesma quantidade, mas a crise tirou dinheiro aos compradores. Volta e meia arrisca-se na apanha de lapas e caramujos à beira-mar, mas algumas vezes tem problemas com as autoridades, que restringem muito essa actividade. Vive no Bairro de São Gonçalo numa velha casa camarária sem o mínimo de condições, juntamente com os pais, quatro irmãos e uma irmã mais novos. Todos estão desempregados, e a única fonte de rendimentos fixa é um apoio social que sua mãe recebe, de cerca de 50 euros. O pai faz esporadicamente algumas tarefas agrícolas, apesar de limitado fisicamente, e os irmãos também desdobram-se na procura de sucata e apanha de tabaibos. O sonho de José Paulo é um dia ser empresário agrícola.





O Partido da Nova Democracia distribui cabazes de bens de primeira necessidade nos bairros sociais da freguesia de Câmara de Lobos, com o dinheiro do chamado "jackpot" que a Assembleia Legislativa Regional atribui a todos os partidos com assento parlamentar. Essa polémica verba, destinada a financiar os partidos políticos, tem sido criticada por este partido, que opta por devolvê-la à população, através de diversas iniciativas. Em Julho de 2012 optou por adquirir cabazes, que foram distribuídos pelos bairros com maiores problemas de pobreza em Câmara de Lobos, onde o desemprego e a marginalidade causam exclusão social a grande parte dos moradores.

Maria Manuela, casada, com 63 anos, trabalhava em hotelaria desde o início da vida profissional. Há três anos atrás perdeu o emprego, e aos 60 anos de idade, meteu mãos à obra e descobriu um novo talento: a pintura. Tirou alguma formação na área, começou a pintar objectos que normalmente vão para o lixo, transformando-os em obras de decoração. Depois desloca-se a uma feira que se realiza mensalmente junto à igreja da freguesia de São Roque, no Funchal, onde os vende. Tem ainda clientes que vêm a casa comprar. Aproveita assim um rendimento extra, que vai juntar ao subsídio de desemprego, que cessa em Dezembro de 2012.

Maria faz ainda trabalhos de costura em casa, tarefa que já fazia quando trabalhava na hotelaria, e também arranjos florais e decoração. Não quer ficar por aqui, e o próximo passo será tirar formação em restauro. Vive num apartamento perto do centro do Funchal juntamente com o marido, já aposentado, tem dois filhos já adultos e encaminhados na vida, e considera-se uma mulher feliz.



RODRIGO CABRITA

SOBRE A TERRA **JOSÉ LUÍS PEIXOTO**

As fotografias são a prova de que o tempo existe.

Se formos dados à caminhada, cruzamo-nos todos os dias nos passeios com multidões de pessoas de outro tempo. Cada um caminha na sua época privada, na sua idade única, contabilizada não apenas em anos, meses e horas mas, mais do que isso, contabilizada em consciência. Enquanto isso, no mesmo instante, há mãos a escolherem uma batata da terra, há divisões paradas, onde também passa tempo. Não o mesmo tempo. O tempo não se repete até quando é simultâneo.

Por isso, as fotografias não são a prova de um tempo que passou. São a prova deste tempo, agora mesmo. Aquele homem que caminha entre couves com uma camisola de lã vermelha e uma enxada sobre o ombro, está a caminhar no preciso momento em que olhamos para ele. É o nosso olhar, adicionado à imagem que o faz caminhar. Sim, pode dizer-se que o tempo existe no nosso olhar.

Mas não todo o tempo, não o tempo único, apenas um tempo irrepetível que, se não lhe prestarmos atenção, se o deixarmos passar sem ser notado, se perderá sem memória. E a memória, já se sabe, é outro dos lugares do tempo e das fotografias.

E mesmo a memória é presente. A memória de ontem está tão aqui como esta cadeira que serve para me sentar, para pousar o meu corpo físico, a partir do qual se julga que a minha memória e o meu olhar estão anexos.

A memória de ontem está aqui porque, como uma fotografia, posso olhá-la com mais atenção, recordá-la melhor e saber mais sobre ela. A minha ideia daquilo que foi ainda é, continuará a mudar, a viver.

As rugas são um resultado e uma ferramenta. O espelho também é assim. A lanterna que ilumina o rosto também é assim. As rugas, o espelho e a lanterna são manifestos sobre a fotografia. Há livros inteiros sobre cada um deles, rugas/espelho/lanterna, mas há uma distância enorme, visível, entre aquilo que esses livros dizem que eles dizem e aquilo que eles dizem mesmo.

Falar sem palavras. É o que fazem as rugas, o espelho e a lanterna. Falam sobretudo de uma quantidade de assuntos que é alheia até ao silêncio.

Por isso, a noiva continuará sempre a sorrir na fotografia da fotografia, mas o seu sorriso será diferente em cada dia que olhar para ele. Eu serei diferente, o meu olhar terá mudado. Nenhuma tragédia nessa constatação, a mudança é a primeira regra da vida. As fotografias são a prova dessa mudança a que também se chama “tempo”, a que também se chama “espaço”.

**CASTELO BRANCO**

Albino Martins, 63 anos.

Nos últimos 30 viveu sem luz, sem água.

Carnapete tornou-se o seu refúgio num terreno e numa casa que não lhe pertencem. É a exceção de uma solidariedade que nunca teve.

Uma vida amargurada e complicada, entre a perda da mãe aos 6 anos e a guerra em Moçambique. Sem nada nem ninguém, a solidão transformou-se na sua maior companhia. Um antigo barracão agrícola passou a ter o epíteto de casa. Cozinha, quarto, e no quintal a higiene bombada de um poço em baldes ou num chuveiro improvisado.

A pouca luz que lhe fere os olhos vem de um velho lampião. A comida é-lhe trazida pela Santa Casa da Misericórdia a troco de uma mensalidade que lhe leva a reforma quase por inteiro.

As forças teimam em falhar perante as marcas de uma vida desgastada que não ajudam na hora de seguir em frente e em que o seu gado caprino permite equilibrar pontualmente o orçamento, com a sua venda ou do leite que produzem.

A sua própria horta é testemunha de uma mão cuidadosa que molda o terreno de forma harmoniosa.

Ou não fosse o seu lema:

“O trabalho é a nossa honra.”

2012 ainda foi um ano em que a electricidade não entrou na casa de muitos portugueses e em que a água não pôde correr por torneiras que nem sequer existem. Pequenos nadas do nosso quotidiano que fariam de Albino um homem muito mais feliz.

E mais próximo de todos nós.









CARMINHO

O erguer de uma nova vida, suportada nas mãos de uma mãe disposta a mostrar-lhe as respostas num país carregado de interrogações, traz algum alento. Carminho Cabrita nasceu em Lisboa, às 10h44m do dia 3 de Julho de 2012. E como as velas que se colocam no bolo doce de muitas vidas amargas, novas gerações irão soprar infinitas velas de um bolo doce de uma doce vida. Haja esperança.



SUBSCRITORES

A
 Abel Coentrão
 Acácio Madaleno
 Adelaide Carneiro
 Adélia Porfírio
 Agostinho Jacinto
 Agostinho Luz
 Agostinho Pinto
 Alcina Fernandes
 Alexandra Domingos
 Alexandra Silva
 Alexandre Azevedo
 Alexandre Bordalo
 Alexandre Inácio
 Alfredo Frade
 Alice Gonçalves
 Álvaro Correia Pinto
 Alvaro Vieira
 Amanda Ribeiro
 Amélia Figueiredo
 Amílcar Correia
 Ana Cristina Pereira
 Ana Filipa Fernandes
 Ana Graça
 Ana Júlia Nozes
 Ana Kaiseler
 Ana Kotowicz
 Ana Maria Brito Jorge
 Ana Paula Da Silva Melanda
 Ana Reis
 Ana Rita Cambim
 Ana Salavessa
 Ana Soares
 Ana-Bella Mendes
 Anabela Oliveira
 Anabela Silva
 André Alves
 André Brinco
 André Melancia
 Andreia Amaral
 Andreia Azevedo Soares
 Ângela Nobre
 Antonieta Barroso
 António Carrapato
 António José Teixeira
 António Luis Pereira Cardoso
 António Mata
 António Pedro Leal
 António Pedro Santos
 António Rocha
 António Siqueira Da Silva
 Augusto Küttner De Magalhães

B
 Beau McLellan
 Bruno Castanheira
 Bruno Faria Lopes
 Bruno Portela

C
 Cacá E Sandra
 Carina Santos
 Carla Costa
 Carla E Renato

Carla Luis
 Carla Miranda
 Carlos Barreto
 Carlos Cunha
 Carlos Ferreira
 Carlos Martins
 Carlos Morgado
 Carlos Oliveira
 Carlos Santos
 Carlos Tavares
 Carlos Varela
 Carminho Chaves Cabrita
 Carolina Carriço
 Catarina Gonçalves
 Catarina Rito
 Catarina Simões
 Catia Duque Gabriel
 Cátia Simões
 Cecília Roque Granja
 Celeste Aguiar
 Célia Canha
 Ceu Neves
 Chaves E Elsa
 Clara Pereira Leite
 Claudia Cadima
 Claudia Cruz
 Cláudia Ferreira
 Claudia Timóteo
 Cláudio Ramos
 Clínica Health Secret
 Conceição Borges
 Conceição Quintela
 Cristina Correia
 Cristina Patacho
 Cristina Ribeiro Bernardo
 Cristóvão

D
 Dalila Pereira
 Dani E Eva
 Daniel Rocha
 Diana Filipa Gordo Fernandes
 Diana Garrido E Tiago Pereira
 Diana Quintela
 Dinis Lopes
 Diogo Gomes De Araújo
 Diogo Nozes Carvalho
 Dora Bagorro
 Duarte Belo
 Dulcínia Barroso

E
 Edite Faria
 Eduardo Chaves
 Eduardo Pulido
 Eduardo Salavisa
 Eduardo Salvador
 Elisa Margarida Dias Agostinho
 Elisabete Almeida
 Elsa Vizinho
 Emilia Xisto
 Encarnação Pereira
 Enric Vives-Rubio
 Esperança Baptista
 Ester Lourenço

Estrela Lourenço
 Eurico Alves
 Eurico De Barros

F
 Fátima Aguiar
 Fátima Cardoso
 Fátima Ferreira
 Fátima Torres
 Fernanda Craveiro
 Fernanda Santos
 Fernanda Simões
 Fernando Costa
 Fernando Faria
 Fernando Fonseca
 Fernando Mota Tavares
 Fernando Negreira
 Fernando Neves
 Fernando Sousa
 Filipa Alves
 Filipa Couto
 Filipe Reis
 Filipe Faustino
 Filipe Feio
 Filipe Gonçalves Miranda
 Filipe Moraes
 Filipe Paiva Cardoso
 Filipe Tomé
 Filomena Neves
 Francisco António Santos Cabrita
 Francisco Cabrita

G
 Gabriela Lourenço
 Gabriela Soares
 Gaspar Celestino
 Gisela Branco
 Glória Calçada
 Gonçalo Mendes
 Gonçalo Nuno
 Gonçalo Valverde
 Guadalupe Gomes
 Guida Toscano
 Guilherme Venâncio

H
 Helena Pereira
 Helena Ramos
 Helena Santana
 Hugo Alcântara

I
 Idalina Redinha
 Inácia Granja
 Inácia Moisés
 Inês Belo
 Inês Cardoso
 Inês Cardoso Costa
 Inês Miranda
 Inês Nazaré
 Inês Rapazote
 Inês Ribeiro
 Instituto Português De Fotografia
 Isa Galhorda Alves
 Isabel Dantas

Isabel Espirito Santo
 Isabel Lucas
 Isabel Nery
 Isabel Silva
 Isabel Vieira
 Ivo Machado
 Ivone Correia
 Ivone Ralha

J
 Jacinta Pereira
 James Graham-Campbell
 Janine Rumor
 Joana Borges
 Joana De Belém
 Joana Emídio Marques
 Joana Fillol
 Joana Gaspar De Carvalho Chaves
 Joana Nozes Carvalho
 Joana Van Hellemont
 João Almeida
 Joao Bagão
 João Baião
 João Céu E Silva
 João Cortesão
 João Duarte
 João Gabriel Soares
 João Herdeiro Alves
 João Labrincha
 João Laranjeiro
 João Madeira
 Joao Marchantinho Dias
 João Mariano
 João Marujo
 João Miguel Tavares
 Joao Miranda
 João Paulo
 João Paulo Rei
 João Pedro Fonseca
 João Pedro Henriques
 João Pedro Oliveira
 Joao Pedro Tarujo Almeida
 João Santos
 João Tiago Dias
 Joaquim Augusto De Carvalho
 Joaquim Cabrita
 Joaquim Cruz Coelho
 Joaquim Terêncio
 Jorge Marmelo
 Jorge Oliveira
 José António Sanches Ramos
 Jose Augusto Moreira
 José Caria
 José Eduardo Real
 José Esteves
 José Fangueiro
 José Oliveira
 Jose Pedro Tomaz
 José Pinho Borges
 José Pinto
 José Reis
 José Silva Maia
 Jose Simões Miranda
 José Soares
 José Soudo

L
 Lais Pereira
 Laura Romão
 Leonardo Negrão
 Leonel Castro
 Licínio Lima
 Liete Quintal
 Líliliana Morais
 Liliava Valente
 Lisa Soares
 Lisandro
 Lola Rofeltpes Mealha
 Loli Campos
 Lourenço Serra Chaves
 Lúcia Melo
 Lucila Santos
 Lucinda Vasconcelos
 Ludovina Pereira
 Luís Afonso
 Luís Alves
 Luís Barra
 Luís Carimbo
 Luís Efigénio
 Luís Filipe Catarino
 Luís Lameiras
 Luis Manuel Soares Silva Ramos
 Luis Miguel Duarte Santos
 Luís Naves
 Luis Octavio Costa
 Luís Pedro Morais
 Luís Porfírio
 Luis Ramos
 Luís Tomás
 Luisa Oliveira
 Luisa Pinto
 Luísa Toscano
 Luiz Manuel Chaves
 Lurdes Canoa

M
 Madalena Cabrita
 Manuel David Assunção
 Manuel Paulino
 Manuel Pereira Leite
 Manuel Roberto
 Manuel Tomé
 Manuel Vicente
 Manuela Chorão
 Manuela Vaz
 Marcos Borga
 Margarida Gomes
 Margarida Machado
 Margarida Rosa Simões Pinho
 Margarida Simões Pinho
 Margarida Videira Da Costa
 Maria Adelaide Silvestre
 Maria Angelina Pereira
 Maria Chaves Cabrita
 Maria Da Luz Nolasco
 Maria David De Freitas Reis
 Maria Do Rosário Almeida
 Maria Eduarda Ribeiro
 Maria Emília Miranda
 Maria Eugénia Marques Gaspar
 Maria Fernanda Assunção
 Maria Fernanda Simões

Maria Helena Costa
 Maria Henriqueta Da Silva Brito
 Rocha
 Maria João Caetano
 Maria Joao Lopes
 Maria João Nozes
 Maria João Rosa Duarte
 Maria Joao Silva
 Maria João Soares
 Maria José E João Vasco
 Maria José Vieira
 Maria Manuel Açafirão
 Maria Manuel Valagão
 Maria Manuela Moreira
 Maria Margarida Amaral
 Maria Pedro
 Maria Purificação Soares
 Maria Teresa Tavares
 Mariana Barbosa
 Mariana Correia Pinto
 Marília Antolini
 Marina Martins
 Mário Crista
 Mário Jorge Carrão Do Amaral
 Coutinho
 Mário Lino
 Marisa Cardoso
 Mark Patrick
 Marlene Meireles
 Marques Valentim
 Marta Agostinho
 Marta Romão
 Martim Borges
 Maryvonne De Jesus
 Matias Silvestre
 Miguel Baltazar
 Miguel Barreira
 Miguel Cheta
 Miguel Fernando Pontes Maciel
 Estima
 Miguel Gaspar
 Miguel Madeira
 Miguel Marujo
 Miguel Vieira Pinto
 Milita Doré

N
 Nádia Cardoso
 Natacha Cardoso
 Natalia Faria
 Natalia Sdvizhkova
 Nelson D'aires
 Nelson Garrido
 Nuno Aguiar
 Nuno André
 Nuno Botelho
 Nuno Brites
 Nuno Ferreira
 Nuno Ferreira Santos
 Nuno Marques
 Nuno Miguel Cardoso Costa
 Nuno Pêgo
 Nuno Pinto Fernandes
 Nuno Sérgio Pacheco De Carvalho
 Núrio Fernandes

O
 Odília Rumor
 Otelo M. Fabião

P
 Patrícia Branco
 Patrícia Cabrita
 Patrícia Carvalho
 Patrícia Chorão
 Paula Banha
 Paula E Luis Silvestre
 Paula Gonçalves
 Paula Mourato
 Paula Sá
 Paula Santos
 Paulo Alexandre Coelho
 Paulo Barata
 Paulo Barriga
 Paulo César Miranda
 Paulo Cordeiro
 Paulo Escoto
 Paulo Luís De Carvalho
 Paulo Pereira Leite
 Paulo Pimenta
 Paulo Pingo
 Pedro Almeida
 Pedro Araujo
 Pedro Baptista
 Pedro Miguel Figueiredo Silva
 Pedro Miguel Lopes Filipe
 Pedro Miguel Santos
 Pedro Nuno Silvestre
 Pedro Pereira Leite
 Pedro Pimenta
 Pedro Saraiva

R
 Raquel Chamorra
 Raquel De Melo
 Raquel Moreira
 Reinaldo Rodrigues
 Renata Jacinto
 Renato Monteiro Serviços Lda
 Ricardo Carvalho
 Ricardo Castro
 Ricardo Chaves
 Ricardo Esteves
 Ricardo Fonseca
 Ricardo João
 Ricardo Jorge Miguel Branco
 Ricardo Martins Da Fonseca
 Ricardo Nascimento
 Rita Carvalho
 Rita Melo
 Rita Ranhola
 Rita Tavares
 Rodrigo Barcelos
 Rogério Sousa
 Rosa Borges
 Rosa Faria
 Rosária Casquinha
 Rosário Mendes
 Rui Carmo
 Rui Carvalho
 Rui Catalão

Rui Costa
 Rui Faria Rodrigues
 Rui Filipe Baptista
 Rui Filipe Soares Ferreira
 Rui Gaudêncio
 Rui Martins
 Rui Silva
 Rui Sousa
 Rute Silva

S
 Salomão Fernandes
 Sandra Almeida Simões
 Sandra Neves
 Sandra Nobre
 Sandra Patricio
 Sandra Santos
 São Albuquerque
 Sara Feio
 Sara Matos
 Sara Nascimento
 Sergio Andrade
 Sérgio Moisés
 Sílvia Soares
 Sofia Cartó
 Sofia E Vitor Vilaça Da Rosa
 Sofia Fischer
 Sofia Quintas
 Sonia Elvira Fernandes Almeida
 Araujo
 Sonia Maria Fale Verissimo
 Stills Fotografia
 Suely Yurko Sakharuk

T
 Teresa Campos
 Teresa Ferreira
 Teresa Oliveira
 Teresa Tavares
 Tiago Miranda
 Tito Morão
 Tomás Baltazar
 Tozé Canaveira
 Tuta

V
 Vasco Morais
 Vitor Borges
 Vitor Cid
 Vitor Coelho
 Vitor Mota

Y
 Yara E Livaldo Carvalho

Z
 Zé Campos

